

LARISSA DOS SANTOS MALTY

Centro de Desenvolvimento Sustentável

Mestrado Acadêmico em Gestão Ambiental

Orientador: Othon Leonardos

Co-Orientador: Altair Sales

Título: VELHA DO CERRADO: A PERSONIFICAÇÃO DE UM ARQUÉTIPO EM BUSCA DA SUSTENTABILIDADE CULTURAL NO CERRADO

À Santa Rita, para quem os milagres nunca são impossíveis, e ao meu filho João.

DEDICO

Ao meu companheiro, Rodrigo, à minha menina de luz, Natália, aos meus pais, Dalva, Gerson e Renato e aos meus irmãos, Simone, por sua voz e inteligência, Juliano por me ensinar que a terra vive, e Júnior por seu gosto pela música e pela mistura de idéias.

OFEREÇO

AGRADECIMENTOS

A todos os deuses e deusas que tive a oportunidade de conhecer, pela proteção, saúde e iluminação.

À minha avó Filinha, por ensinar paciência, à minha avó Erlinda, por estimular poesia, a meu avô Rispe, por incentivar o trabalho honesto e a meu avô Miguel, por que sempre gostou de viver.

Aos meus orientadores Othon Leonardos e Altair Sales, pela oportunidade, críticas e ensinamentos e por acreditarem em minhas intuições e me acompanharem por caminhos fininhos onde só se podia passar com os pés em forma de linha.

Ao amigo e mestre Paulo Bertran, em memória a todas as andanças que me proporcionou fazer pela história do povo *cerratense*.

Ao amigo mestre Zezito, em memória, por seus brinquedos de criança e gente grande.

Ao grupo Sons do Cerrado, Andréa, Verônica, Albinha, Mestre Arnaldo e Wagner, por me inspirarem idéias, pelos momentos de andanças pelo Cerrado, por me ensinarem a ouvir o que não se escuta a toa e nem se grava em gravador de pesquisa de campo.

Aos amigos que fiz no Instituto do Trópico Subúmido, em especial durante às Semanas de Folclore, por seu carinho e incentivo.

Às velhas mulheres moradoras do Cerrado e a todas as suas comadres, por sua fé.

Aos meus amigos do teatro e da música, pela bagunça que fazemos com a vida.

Ao amigo Bismarque Leal, por suas idéias sem beira nem alcance de fundo.

Às amigas Stefania e Érica pelos momentos de alegria e tristeza que passamos entre um fim de ano e outro.

Obrigada.

SUMÁRIO

1. TEMA.....	05
2. INTRODUÇÃO.....	05
3. METODOLOGIAS UTILIZADAS.....	09
4. MEMORIAL.....	16
4.1 Tempo de árvore.....	16
4.2 Tempo de brisa	
4.3 Tempo de inspiração	
4.4 Tempo de chocalho	
4.5 Tempo de cura	
4.6 Tempo de floresta	
4.7 Tempo de orixás	
4.8 Tempo velho	

PARTE I – REFLEXÕES E QUESTIONAMENTOS TRANSDISCIPLINARES

5. PROPOSTA INTUITIVA DE GESTÃO AMBIENTAL A PARTIR DO CONHECIMENTO TRADICIONAL DE COMUNIDADES DO CERRADO.....	24
6. O PODER, OS LÍDERES E OS FUNDAMENTOS EM SOCIEDADES PRIMITIVAS.....	39
7. VALORES QUE DESVALORIZAM.....	47

8. O PAPEL DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS NA ELABORAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS.....	50
PARTE II – EXPERIMENTO	
9. ELEMENTOS VIVOS, RECURSOS MORTOS.....	56
10. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PESQUISA-AÇÃO.....	60
11. A EFICIÊNCIA DO MÉTODO DE EXPERIMENTO CÊNICO ENQUANTO MEIO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CONSERVAÇÃO DO CERRADO.....	61
12. A ARTE COMO FORMA DE SENSIBILIZAÇÃO.....	63
13. A ARTE COMO POSSIBILIDADE DE RELIGAÇÃO ENTRE O SAGRADO E PROFANO.....	65
14. A ARTE E A TRANSDISCIPLINA.....	68
15. A COMPOSIÇÃO DA PERSONAGEM “VELHA DO CERRADO”	69
16. PESQUISA DE CAMPO: ONDE TUDO NASCE.....	72
17. APRESENTAÇÕES DA PERSONAGEM: ONDE AS VELHAS SE ENCONTRAM.....	73
18. A CRIAÇÃO COLETIVA DE UM MITO.....	81
19. A CONSERVAÇÃO DO CERRADO PELA COMPREENSÃO DE SUA PRODUÇÃO CULTURAL.....	83
20. CONCLUSÕES.....	85
21. ANEXO: CD DE MÚSICA E ESTÓRIAS.....	86
13. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	87

RESUMO

Em busca da sustentabilidade cultural, esta pesquisa procura trazer para a academia o conhecimento tradicional de comunidades do cerrado mantidos por suas matriarcas, para que fosse possível refletir a partir dessa ótica, sobre alguns dos principais paradigmas da Gestão Ambiental na região.

Utilizando a arte como forma de sensibilização e instrumento de Educação Ambiental, este trabalho utiliza-se da pesquisa-ação e da heurística como metodologias, e de técnicas teatrais embasadas na *mimesis*, para o desenvolvimento de uma personagem teatral arquetípica, a *Velha do Cerrado*, que visita as comunidades pesquisadas em busca da compreensão de sua produção cultural relacionada à preservação ambiental.

A proposta desse estudo norteou-se na identificação do arquétipo da Grande Mãe em mulheres curandeiras, rezadeiras, benzedadeiras, portadoras do conhecimento ancestral de diálogo entre a comunidade e os elementos naturais que a cerca. Entendendo que naturais são os animais, as espécies vegetais, os rios e a terra, mas também as comadres que já morreram, os pais e avós ausentes ou o conhecimento ancestral a respeito da utilização das plantas medicinais do cerrado.

Assim, a *Velha do Cerrado* são variações de velhas, são velhas variando, num diálogo entre o real e o abstrato, a academia e conhecimento tradicional, a intuição e a natureza, a arte e a ciência.

ABSTRACT

In the quest for cultural sustainability, this research seeks to bring into the academic world the traditional knowledge of *cerrado* communities, as preserved by their matriarchs, to foster reflection on some of the main paradigms of Environmental Management within this area.

Using art as a means for promoting awareness and as an instrument for Environmental Education, this project uses research-action and heuristics as methodologies, and dramatic techniques based on *mimesis* to develop an archetypical dramatic character, the *Old Lady of the Cerrado*, who visits these communities, seeking to understand their cultural production as it relates to environmental conservation.

This study's proposition is based on the identification of the Great Mother archetype in the shaman-like *curandeiras*, *rezadeiras* and *benzedeiras*, all of them bearers of the ancestral knowledge of dialogue between the communities and the natural elements surrounding it. Natural elements such as animals, plants, rivers and the earth, but also long-gone *comadres*, absent parents or grandparents or the ancestral knowledge of the uses of old medicine plants of the *cerrado*.

In this way, the *Old Lady of the Cerrado* are variations of old ladies, are many varying old ladies, in a dialogue between reality and abstraction, academia and traditional knowledge, intuition and nature, art and science.

1. TEMA

A construção de um personagem arquetípico inspirado em rezadeiras, benzedoras e curandeiras do Cerrado foi o instrumento utilizado para facilitar a compreensão da cosmovisão dos Povos do Cerrado, bem como de sua relação com o ambiente natural que os envolve.

2. INTRODUÇÃO

“A vida sempre se me assegurou uma planta que extrai sua vitalidade do rizoma;
A vida propriamente dita não é visível, pois jaz no rizoma.
O que se torna visível sobre a terra dura só um verão, depois fenece...
Aparição efêmera.
Quando se pensa no futuro e no desaparecimento infinito das culturas,
Não podemos nos furtar a uma impressão de total futilidade;
Mas nunca perdi o sentimento da perenidade da vida sob a eterna mudança.
O que vemos é a floração – e ela desaparece.
Mas o rizoma persiste”.

Carl Jung

Arquétipo primordial da própria sabedoria, do conhecimento ancestral, da intuição e da fertilidade, a *Grande Mãe*, portadora de cada uma das essências que identifica os diferentes povos indígenas americanos, *Nanã*, mãe de todos os orixás, segundo as principais crenças afro-brasileiras, fonte da vida, o *Universo-Mãe* revelado em tantos templos da Índia, *Nut*, a Deusa-Árvore, a deusa representada na teologia egípcia, ou simplesmente a *Velha do Cerrado* trazem consigo a memória coletiva, intocada e indestrutível do amor pela vida mesmo diante de tantas torturas e desesperanças. Ela faz rir e chorar, nos relembra nossa existência comum.

Essa dissertação descreve a vivência da *Velha do Cerrado*, personagem arquetípico, com seu grau de transdisciplinaridade, questionando alguns dos paradigmas atuais relativos à sensibilização do homem diante de seu *habitat*, suas crenças e seu conhecimento tradicional.

Pela definição tradicional, arquétipos são as formas primárias que governam a psique. Mas não podem ser contidos apenas pela psique, uma vez que também se manifestam nos planos físico, social, lingüístico, estético e espiritual.

Hillman, James (1983). Psicologia Arquetípica. Cultrix

Quando a psicologia analítica se refere à imagem primordial ou ao arquétipo da “Grande Mãe”, não se refere à existência de uma imagem concreta existindo com tempo e espaço, mas a uma imagem interior em operação na psique humana. A expressão simbólica desse fenômeno psíquico são as figuras e as imagens da Grande Deusa, reproduzidas nas criações artísticas e nos mitos da humanidade.

Erich Neumann, A Grande Mãe, 1996/9,19

Tive um sonho enquanto vivia que essa velha existia dentro e fora do pensar. Procurei de onde vinha, seus rios, pedras, montanhas, onde era o seu lugar. Persegui caminhos trilhados por tantos andarilhos, reconheci pontos certos, lembrei passagens secretas, revivi ao procurar. E a velha senhora guiava cada passo persistente até se reencontrar: estava espalhada em mulheres, em histórias que vou contar. Vivia em meu próprio corpo, na arte de improvisar.

Uma era Maria de Lara, outra se chamava Selma e tantas mulheres da reza, da cura, da benzeção religavam o sagrado e o profano, seu caminho e as linhas da mão, não arrancavam folha de cura sem devida permissão, dançavam enquanto sagravam, cada palavra, um verso, que por trás do verde tinha o invisível, indizível legado do universo.

Investigar a origem da prática da cura na região do Cerrado, sua preservação e continuidade, relatar a relação dessas velhas com o próprio meio e com a comunidade na qual se inserem, traduzem a proposta desse trabalho.

Essa investigação subdividiu-se em quatro momentos distintos e interligados: a pesquisa de campo, a construção da personagem, o experimento teatral e a reflexão analítica, que busquei desenvolver de forma transdisciplinar.

Metodologicamente, a pesquisa de campo e a construção da personagem foram desenvolvidas coletivamente, ou seja, a partir das comunidades visitadas e de reflexões pessoais. O experimento teatral foi fundamentado na técnica de improvisação, onde os temas, sempre desenvolvidos a partir de questões ambientais, eram postos em cena e transcorriam conforme as interferências do público e do ambiente natural, cenário principal das apresentações.

Por fim a Heurística, método intuitivo de investigação a partir do auto-conhecimento e da exteriorização de pensamentos e ações, serviu como suporte metodológico para a criação da personagem e composição dos textos da *Velha do Cerrado* e reflexões próprias.

Este trabalho foi realizado durante os anos de 2004 e 2005, conforme cronograma pré-estabelecido, sendo seus principais locais de estudo o entorno de Brasília - DF, Águas Emendadas – DF, o ITS – Instituto do Trópico Subúmido em Goiânia - GO, Correntina – BA.

As apresentações foram realizadas também nessas comunidades, bem com para um público específico de professores, alunos e pesquisadores de áreas relacionadas com a gestão ambiental e a sustentabilidade cultural, em especial no Instituto do Trópico Subúmido – ITS da Universidade Católica de Goiânia e em projetos que associam as questões culturais e ambientais.

Assim, memória, investigação e intuição compuseram os elementos centrais da construção dessa personagem que revela um dos principais arquétipos da relação do ser humano com seu *habitat*. A *Velha do Cerrado*, como será chamada, recontará os mitos e lendas que permeiam o universo mítico do Cerrado, bem como divulgará, em parte, a arte da cura a partir dos elementos naturais presentes nesse ecossistema.

Ao refletir sobre nossa história e a arte de interpretá-la teatralmente, gostaria de ressaltar que há que se compreender história como essa fusão entre memória, investigação e invenção intuitiva. E me permito revelar certas confusões da alma.

Alma, no sentido proposto por James Hillman, em seu livro *Psicologia Arquetípica* onde essa expressão compreende “uma perspectiva, ao contrário de uma substância, um ponto de vista sobre as coisas, mais do que uma coisa em si”.

Veja por outra confundo em minha alma, almas que não são minhas. Tomo emprestadas estórias alheias. Vivo encantada, nessa tal ilha longínqua, que tanto procuravam os portugueses, onde tantas velhas do continente africano vieram morar com seus destinos, onde índios de diversas etnias se misturavam e ainda hoje se misturam com a própria terra.

Desde que cheguei aqui não parei de sentir saudade. Ocupou-me, então, uma *Velha do Cerrado*, fazedora de chás e histórias.

Essa velha me disse um dia, que história e chá são fatos mergulhados em água quente, com ou sem açúcar, dependendo do autor. Fui, então, em busca de fatos. Descartei, de imediato, essa marca do descobrimento do Brasil, que isto não é fato. Fato, é que somos fugitivos e nos escondemos uns nos outros. Somos misturados pela necessidade de sobrevivência. No centro do Brasil, no centro do meu corpo, fui colher fatos para fazer este chá. Uma infusão poética que poderá servir como instrumento de comprovação da inexistência de limites exatos entre o Sagrado e o Profano, conforme M. Eliade ressalta, e que faz com que determinados Povos do Cerrado promovam, de forma intuitiva, o desenvolvimento sustentável.

*Sou ninguém. Fui inventada pelo tempo.
Meu coração não é meu, é sempre de alguém que ocupo.
Meus olhos dependem dos olhos de quem vê.
Meus pés são os mesmos seus pés.
Meus ouvidos são os seus, agora.
Me inventaram em sonho e eu fuji de lá.
Morei em lugares de mata fechada, rio corrente, Rio das Almas...
E eu via sempre uma luz entrando por uma janelinha pequena lá em cima,
onde também entra o beija-flor e a chuva.
Esse lugar, mais tarde fui saber que fazia parte de alguém.
Era um sonho pessoal.
Era invenção ou quase nada. Fuji novamente do pensar e vagou em mim o universo. Voei por três dias e três noites. Uma coruja me acompanhava de perto. O céu e a amplidão. A distância e o escuro. Tudo estava contido em alguém. Desconfiei disso quando a pessoa que eu habitava desconfiou de mim.
Olhamos uma para outra. Cara a cara. Cara a tapa num grito comum.*

Sumimos de nossas vistas.

Habitei tantas pessoas... Variei de pensamentos. Sou simples pensamento. Me assusta não existir... Mas esse medo... Esse medo não é meu. De quem será esse medo? Esse medo comum? Esse lugar comum... Eu me lembro desse lugar antigo. Me lembro de você. Essa forma de olhar. Estou nela agora. Vejo por seu olhar. Me vejo uma velha senhora, contadora das lendas sagradas. Me vejo por você, sentada numa pedra senhora, uma pedra que pode pertencer ao sonho. Pode ser invenção... Imaginação... Memória... Pode ser coisa da minha cabeça... Vivo assim, quase inexistente, igual a essa pedra, igual a esse chão, igual a você e a Deus. E você, existe, ou é igual à coruja? Igual a mim e a Deus: só pensamento de alguém que sonha tudo isso enquanto dorme? Sonhos comuns.

Velha do Cerrado, Goiânia, junho 2005

3. METODOLOGIAS UTILIZADAS

Pesquisa-Ação Qualitativa

“a pesquisa-ação é uma ação em nível realista, sempre acompanhada de uma reflexão autocrítica objetiva e de uma avaliação dos resultados”

Kurt Lewin

“a pesquisa-ação de Kurt Lewin pode ser definida como uma pesquisa psicológica de campo, que tem como objetivo uma mudança de ordem psicossocial... com a intenção de explorar o comportamento e as representações de um sujeito ou de um grupo de sujeitos diante de uma situação concreta, para compreender-lhes o sentido, colocando-se alternadamente na perspectiva de observador e na de sujeitos-atores de sua vivência”

Barbier (1985), (in. HAGUETTE, 1995).

A pesquisa-ação é uma metodologia de pesquisa científica qualitativa, que teve seu conceito desenvolvido por Kurt Lewin, psicólogo alemão, naturalizado americano, durante a Segunda Guerra Mundial, na tentativa de responder algumas demandas dessa sociedade

americana do pós-guerra, em busca de modificar determinados comportamentos sociais, servindo assim como um instrumento capaz de unir teoria e prática.

Para Lewin, essa era uma forma de realizar ações e reflexões autocríticas objetivas a estas relacionadas, resultando em uma avaliação consistente dos efeitos obtidos. Esta metodologia utiliza a investigação como um processo que se move sempre em uma espiral de ação-reflexão, pensamento-prática.

"A administração social racional avança, portanto, numa espiral de fases, cada uma das quais compõe um ciclo de planejamento, ação e averiguação de fatos referentes ao resultado da ação" (LEWIN, 1946:22).

Assim, a princípio, as ações estariam vinculadas à reflexão, ou seja a um trabalho de pesquisa científica, assim como a pesquisa não deveria estar desvinculada da prática.

Ainda devido à análise constante do meio estudado, bem como das relações criadas a partir do contato entre o pesquisador e o espaço pesquisado, esse processo sugere uma constante implicação entre esses dois universos.

Na pesquisa-ação, o pesquisador é incluído no processo que investiga e sua ação também modifica o que está sendo analisado.

A partir desta possibilidade de envolvimento do pesquisador com sua pesquisa, o papel do cientista, que antes se restringia a descrever, explicar e prever os fenômenos naturais e antrópicos, situando-se como um observador neutro, agora passa a cumprir a função de servir como um instrumento de mudança social, comprometido com os resultados práticos de sua pesquisa-ação.

"A pesquisa-ação implica numa complexidade de pensamento. O paradigma da complexidade opõe-se ao paradigma da simplicidade concebido como uma análise, visando desconstruir a totalidade em unidades isoladas. A complexidade aceita a incerteza, o imprevisível, o não-saber e a contradição. Ela reconhece que tudo está ligado. Para o pesquisador em pesquisa-ação, o fato de aceitar o paradigma da complexidade impõe uma visão sistêmica aberta."

Míriam Aparecida Bueno da Silva.

Ampliando sua aplicabilidade a pesquisa-ação passa a não mais se restringir à adaptação das minorias à sociedade, pretendida por LEWIN (1946), e acaba por designar-se como sendo uma prática inevitavelmente participativa, que se aprimora com as colocações de FREIRE (1983b) a respeito da prática da educação e da pesquisa.

Assim a pesquisa-ação não é algo a ser aplicado por aquele que educa ou pesquisa, mas mostra uma possibilidade de aprimoramento dos seres humanos, sejam eles educadores ou educandos, a partir da investigação de sua realidade, incluindo-se nela, para que seja possível a transformação daquele que investiga e de seu ambiente de pesquisa.

"A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação."

Freire (1983b:44).

A **Pesquisa-Ação Qualitativa** foi, portanto, uma das metodologias adotadas para o desenvolvimento deste trabalho, onde foram visitadas as comunidades, bem como determinadas mulheres que vivem de forma isolada, e que revelam uma relação bastante particular com seu meio ambiente. A partir deste método foram registrados tanto em vídeo quanto em fitas K7 alguns diálogos e reflexões que deram origem aos textos que a *Velha do Cerrado* assina como seus. São eles criações coletivas, vozes uníssonas de um povo que habita hoje o Cerrado.

Foi ainda adotada uma forma mais livre de investigação e registro a partir de conversas informais e diálogos memorizados durante a pesquisa de campo, que posteriormente foram trabalhados vocal e corporalmente de forma solitária, em trilhas pessoais do Cerrado.

Esta primeira etapa da pesquisa, a pesquisa de campo, serviu de base para a construção da personagem, bem como para o acompanhamento das práticas cotidianas dessas mulheres e suas relações com a valorização do ambiente circundante.

5.2 Pantheatre

Esta técnica teatral, que envolvem a intuição e a improvisação no processo de concepção e realização teatral, abrange expressão corporal, desenvolvimento da habilidade vocal e as idéias culturais propostas pela *Psicologia Arquetípica*.

A *Psicologia Arquetípica* foi fundada e desenvolvida por James Hillman, pensador junguiano contemporâneo que une à Psicologia Profunda, herdada de Freud e Jung, as tradições culturais ocidentais da imaginação.

A companhia teatral **Pantheatre** foi fundada em 1981 por Enrique Pardo, depois da realização da performance sobre o Deus Pã. Em sua co-direção estão Linda Wise, especialista no desenvolvimento de técnicas particulares desta companhia teatral, atriz e pedagoga, e Liza Mayer, que além de diretora é atriz, cantora e também pedagoga.

Esta foi a primeira companhia originada a partir do grupo Roy Hart Theatre, que integrou ao trabalho vocal desenvolvido por Roy Hart, o movimento corporal, a mímica e o treinamento proposto por Odin Theatre and Dance. Atualmente está instalada em Paris, divulga suas técnicas em montagens, treinamentos e seminários por eles organizados em diversos países.

O pesquisador e diretor cênico Enrique Pardo, define seis principais linhas de atuação a partir das quais desenvolve seu trabalho. São elas: O *teatro coreográfico*, a *voz*, os *estudos mitológicos*, o *teatro alquímico*, a *academia do enfado* e a *superstição como um modelo para a percepção imaginária*.

Segundo o pesquisador “nós habitamos e movemos nossos corpos como templos míticos. Há muitos deuses e deusas, e cada um tem seu templo e rituais, tendo também seu próprio *teatro*”.

Tive a oportunidade de receber seus treinamentos e técnicas teatrais em 1997, em Malérargues, no sul da França, pouco antes de concluir o curso de artes cênicas, na UnB, e a partir daí incorporei alguns dos conceitos e técnicas desenvolvidos por essa companhia às minhas atividades teatrais.

Esta técnica está embasada no estudo da mitologia, e busca a essência do trabalho do ator a partir do autoconhecimento, associando à repetição do movimento a busca da força individual do intérprete. Ler os sinais revelados pelo mundo que nos envolve estimula nossa percepção imaginária, e este é um exercício essencial ao trabalho de improvisação cênica.

20.1 A Heurística

A **Heurística** foi a terceira metodologia utilizada no processo de busca e entendimento do universo pesquisado e do universo interior daquele que pesquisa.

“Heuristic research is an extremely demanding process, not only in terms of continual questioning and checking to ensure full explication of one’s own experience and that of others, but also in the challenges of thinking and creating, and in the requirements of authentic self-dialogue, self-honesty, and unwavering diligence to an understanding of both obvious and subtle elements of meaning and essence inherent in human issues, problems, questions, and concerns.”

Clark Moustakas, Heuristic Research

Este método busca responder a uma questão relacionada ao meio sócio-ambiental no qual se insere o pesquisador, tomando por base a auto-investigação e o auto-entendimento.

A Heurística é, portanto, um processo autobiográfico, no qual, a partir de determinada experiência pessoal, o pesquisador pode obter respostas relativas às questões sociais, ou mesmo universais, do ser humano.

Partindo de uma investigação sincera do universo pessoal, que está de alguma forma relacionado com determinado ambiente sócio-cultural, este método permite a criação de possibilidades para a resolução de questões mais abrangentes, relativas ao objeto da pesquisa.

A Heurística é um caminho de pesquisa científica que estabelece um processo de descobertas intrínsecas ao pesquisador, um caminho de auto-avaliação e diálogo com outros universos, objetivando o entendimento das experiências humanas fundamentais e comuns.

Esta linha intuitiva de conhecimento baseia-se na percepção individual, suas crenças e julgamentos, porém requer disciplina e comprometimento no desenvolvimento de suas etapas e ações, propondo um intenso e contínuo diálogo interior a partir de questionamentos e inquietações pessoais.

Seu primeiro passo é a identificação do foco da pesquisa, ou seja, a identificação do tema, uma perspectiva que será o início do auto-entendimento. “O que eu realmente quero experimentar em meu trabalho científico e como eu utilizarei isso para o entendimento da condição humana?” Esta é a pergunta guia do processo de investigação.

“I do not remember exactly at what point I began to apply this way of examining my experience, but very early in my life I would imagine myself in the position of the object in which I was interested.”

Clark Moustakas, Heuristic Research

A partir daí busca-se um diálogo interior, que deve, sempre que possível, ser anotado em um “diário de bordo”.

A intuição é a chave deste método científico, e deve ser desenvolvida, aprimorada e valorizada durante qualquer fase do processo. Durante todo o trabalho deve-se exercitar e testar a intuição.

No caso específico da pesquisa aqui realizada, a intuição foi uma característica essencial, não somente para o desenvolvimento psicológico do campo de conhecimento, mas também para o desenvolvimento de características físicas e corporais da *Velha do Cerrado*.

Assim, as interfaces e relacionamentos entre o pesquisador e seu objeto de estudo vão sendo descobertos e aprimorados. Esta é a essência deste método científico de pesquisa. Relacionar-se.

As seis fases da pesquisa Heurística incluem: o comprometimento inicial, a imersão, a incubação, a iluminação, a explicação e por fim a síntese criativa. Estabelece-se então uma forma de estar presente no universo pesquisado, bem como de senti-lo internamente.

Considero importante ressaltar que esse caminho proposto, esse método elucidativo de pesquisa deve ser visto também como uma experiência pessoal de seu autor, uma referência e não uma regra a ser seguida passo a passo. Este não é o único caminho, mas um caminho paralelo que pode servir como uma lembrança de que é preciso comunicar-se em sua experiência pessoal para que ela possa ser mais bem aproveitada.

4. MEMORIAL

4.1. Tempo de árvore

Foi assim: Eu corria muito pelo jardim e acabava sempre conversando com as árvores que minha mãe plantava e com uma árvore velha que tinha por lá desde antes da gente ir morar naquele lugar. Era uma árvore toda torta, mas muito inteligente, tinha uma pele enrugada de árvore velha e parecia que se curvava quando eu ia perguntar alguma coisa pra ela. Mas ela não crescia. Eu achava que era porque ela já tinha crescido tudo e agora só estava brincando com o tempo. Floria, depois chorava as flores. Ficava verde, depois ia *marronzando* as folhas e ficava pelada na chuva. Com essa árvore tive minhas primeiras aulas de como ouvir o silêncio. Então, um dia meu pai chegou cheio de mudas de mangueiras. Eu estava estudando na escola: como enxertar um galho de uma árvore em outra árvore que já estava plantada. Era tudo um pouco teórico demais pra eu acreditar. Mas lá em casa eu peguei um galho de manga espada e enxertei na outra muda de manga comum e plantei. Essa árvore eu vi crescer. E ela crescia muito mais rápido que eu. Eu dormia e ela crescia. Eu viajava e ela continuava crescendo. E mesmo enquanto o motor do carro esquentava, de manhã cedo, essa mangueira crescia e criava força nos galhos. O tempo passou e a minha sorte foi ter tido uma adolescência de pernas magras e corpo fino para poder servir na árvore. Eu cabia em seus galhos. E conversava com minha mangueira sobre eu ter segurado ela nas mãos. Minha mangueira ainda hoje dá dois tipos de manga. A manga comum e a espada. Com essa árvore eu aprendi, entre tantas outras coisas, que era possível, interferir na natureza utilizando o conhecimento desenvolvido pelo homem. Cabia a mim agora desenvolver o bom senso.

4.2 Tempo de brisa

“Era uma noite cheia de estrelinhas brilhando, quando vi um vaga-lume e pensei que uma estrela tinha caído do céu.”
Larissa Malty, aos 7 anos.

Aos 10 anos de idade publiquei um livro. Era um livro de poesia, ingênuo e cor de rosa, mas que me permitiu estar em feiras de livro ao lado de grandes poetas. Cora Coralina me deu sua bênção num encontro inesquecível. Era minha primeira mostra pública, a dela seria a última. Nesse tempo eu gostava da rima perfeita. Ficava procurando palavras que cantavam a mesma música e descobrindo um sentido para elas. Tudo tinha um ritmo preciso e os poemas que eu fazia muitas vezes seguiam seu próprio caminho, arriscando-se sozinhos no mundo da crítica, independentes, impacientes, tomando sua forma própria, seguindo seu próprio caminho. Muitas vezes eu cheguei a dialogar com essas letras e suas idéias conservadoras, mas o que prevalecia era sua vontade própria de nascer da cabeça para o papel e essa personalidade impulsiva de correr entre as linhas, driblar meus pensamentos e ocupar o espaço branco. É certo que muitas vezes me surpreendi com o resultado, mas o que mais me intrigava era ver a espontaneidade da vida, depois de surgida. Como as plantas, os pensamentos se iniciam da semente, e tendo espaço, se desenvolvem, sabe-se lá em que direção, buscando fontes e brisa. Foi assim que comecei a perceber o inquestionável elo que liga a arte à natureza, a natureza ao divino, e os deuses, em suas danças circulares, novamente à arte. Esse diálogo é o que inspira e intriga. Será que o próprio Criador não tem essa sensação de impotência ao ver sua criação assumir as rédeas do destino? Ou será que a semente geradora de um universo dança com ele o movimento de expansão entregando-se ao prazer da incerteza?

O tempo de contemplar garante a presença de quem observa. Assim, dá-se a inevitável simbiose entre o sujeito e o objeto. Eu via a formiga de fora e buscava a formiga de dentro. Via a chuva de fora e buscava a chuva de dentro. Via a água de fora e sentia a água de dentro. E a partir desse movimento circular alguma parte de mim esboçava a necessidade de compreender a relação do homem com o seu meio através dos tempos.

4. 3. Tempo de inspiração

“Nossas idéias motivadoras atuais não são mitos, mas ideologias, carentes de significação transcendental. Penso que essa perda da consciência de mito é a mais devastadora que a humanidade poderia sofrer. Pois, como tenho afirmado, a consciência do mito é o laço que une os homens uns aos outros e ao insondável Mistério de onde surgiu a humanidade, e sem cuja referência e significação radical já não é mais tolerado; os homens ficam radicalmente instáveis e se agarram qualquer mito ou pseudomito que apareça.”

Philip Wheelwright . “Poetry, Myth and Reality.

Entre para universidade e iniciei os estudos acadêmicos das artes cênicas. É verdade que eu já havia atuado antes, mas ali tive a oportunidade de experimentar a construção de personagens e sua relação com o mundo de forma menos preocupada com um resultado final esteticamente aceitável. A proposta era vivenciar o processo. Isso nos dava liberdade para percorrer caminhos desconhecidos a convite da intuição. O corpo se doava à criação numa busca incessante por seus arquétipos e símbolos. A memória se estendia por tempos vividos ou imaginados, o corpo aceitava novas formas e percorria o espaço concreto ou abstrato em suas manifestações animais ou humanas. Esse momento de intenso contato com emoções variadas, de plena entrega ao mundo mítico, muitas vezes exigia a presença da iluminação do universo acadêmico, onde os livros nos indicam o caminho de volta ao mundo racional e nos relembram que experiências em princípio pessoais podem ser esclarecidas ou mesmo confirmadas por pesquisadores ao longo da trajetória humana. Porém, a importância de experimentar o contato com a intuição antes de refletir sobre a realidade sempre me pareceu fundamental. Assim também o fazem os portadores do conhecimento tradicional, que estabelecem uma religião com seu mundo mítico e com seu universo natural a partir da fé. Estava aí a confirmação do elo que ligava o fazer artístico ao respeito e à conservação da natureza, onde o ser humano está inserido, e a partir da qual recebe o conhecimento de seus ancestrais. Meu caminho se abria para a transdisciplinaridade em busca do desenvolvimento humano de forma sustentável.

4.4 Tempo de chocalho

O Palhaço

(Matéria de poesia, 1974)

“Gostava só de lixeiro, crianças e árvores.

Arrastava na rua por uma corda, uma estrela suja.

Vinha pingando oceano

Todo estragado de azul.”

Manoel de Barros

Foi também nesse tempo que comecei a trabalhar no Núcleo de Educação Ambiental do Jaburu, como Educadora Ambiental a partir das artes. As crianças que me ensinavam cursavam a 5^a. série primária de colégios da rede pública e diariamente colhíamos no cerrado, matéria prima de poesia. Buscávamos, os alunos e eu, a simplicidade despretensiosa conforme nos orientava os pequenos arbustos característicos de uma vegetação que gosta de brincar com fogo.

Pela manhã uma trilha pelo cerrado que contava com um passeio de barco pela lagoa do Jaburu, depois um almoço coletivo e um tempinho para ouvir um violeiro fazer música em baixo de uma árvore bem grande. Então, íamos fazer arte: Teatro, música, pintura ou reciclagem de papel, conforme o aluno quisesse se expressar. Nesse momento as vagens do barbatimão viravam chocalhos pra música, a terra vermelha ou amarela era tinta pra pintar, qualquer pena do caminho, qualquer semente ou casca de árvore, qualquer som de passarinho, podia virar poesia.

É certo que muitos alunos terminavam o curso considerando o fazer artístico e a preservação ambiental tão fáceis e divertidas que seriam capazes de mudar o mundo em sonhos. Mesmo sabendo das imensas dificuldades que esses jovens encontrariam pela frente ao se depararem com a realidade de nosso país, me sentia realizada. A Educação Ambiental naquele momento dava-se por meio da sensibilização. Mais tarde, com a descontinuidade política que nosso país enfrenta, esse projeto foi abandonado.

4.5 Tempo de cura

“O teatro é o estado, o lugar, o ponto onde se pode compreender a anatomia humana; com a anatomia humana se pode curar e dirigir a vida”. Artaud

Ainda na Universidade de Brasília elaboramos, eu e um colega da faculdade de medicina o projeto “Teatro em Hospitais”, e com apoio do Decanato de Extensão, levamos durante dois anos consecutivos o espetáculo de boneco “Os Saltimbancos” a todos os hospitais da rede pública de Brasília. A partir daí a teia da vida me inspirou a refletir sobre mais um de seus fios: a saúde do corpo e da mente. O tempo, um dos deuses mais flexíveis, assume formas e ocupa o espaço de maneiras variadas. Quando se está bem, o tempo é mais um componente da vida. Quando se está doente, ele é o maior companheiro, ainda que não se queira. Reduzir o tempo entre a medicação e a cura era um de nossos objetivos.

Existe uma grande diferença entre estar doente e ser doente. E essa diferença está também relacionada ao tempo, tempo de espera. Estar doente pressupõe-se um tempo anterior de bem estar, de boas lembranças, de momentos sadios, quando se era livre de dor, mais que isso, pressupõe-se a possibilidade de cura. Esperança. Ser doente não. Ser doente impõe outra relação com a doença, uma relação de convívio. Melhorar a qualidade de vida desse indivíduo, reduzir o tempo de solidão e desse diálogo infundável com a doença também consistia em um dos objetivos desse trabalho.

Posteriormente montamos um grupo de teatro com doze atores portadores de deficiência. Sete portadores de deficiência física, cinco, de deficiência mental. Foi bastante complexo compreender a relação desses indivíduos com a natureza, com seu corpo. O maior presente foi observar os diferentes caminhos propostos por cada um deles para a solução de problemas simples do cotidiano, como, por exemplo, descer a escada do teatro ou de enfrentar situações fantásticas como as propostas pelo texto “O Flautista Mágico” onde a cidade inteira é invadida por milhares de ratos. Nesse momento o teatro era a própria vida, a natureza, um bloqueio ou um estímulo, e os deuses, os deuses estavam todos dentro de nós. Nós Outros, o nome do grupo.

4. 6 Tempo de floresta

“A humanização da natureza é a naturalização do homem”

Karl Marx

Já era tempo de dissertação. Não sei muito bem como a idéia surgiu... Se foi numa conversa com uma amiga... Se um vídeo-documentário, um sonho com a mata fechada e uma fogueira... Não sei se inventamos esse início. Um dia me lembrei que era índia. Lembrei de meus pais que eram índios, do povo da minha aldeia, dos deuses incorporados nas árvores da mata e nos bichos da mata. Lembrei-me da onça que eu era, dos filhos dela que eu era. Lembrei-me da teia de aranha, do velho e do novo Xamã. E abriu-se um espaço no céu, por onde eu passei enfeitada de penas e toda pintada de urucum. *Koikwa: Um Buraco no Céu* foi um espetáculo teatral criado a partir de minha convivência durante aproximadamente um ano, meu último ano de faculdade, com os índios Kaiapó da aldeia Xicrim do Cateté, no sul do Pará.

O Decanato de Extensão da UnB nos cedeu o microônibus. Montamos a equipe. Fomos pela primeira vez ao nosso encontro. Muitas outras vezes fomos e voltamos. Nesse tempo de floresta o tempo parou de repente. Eu estava num espaço criado. Entre o céu e a terra. Um olho no meio da Amazônia, que de cima do avião eu via. Um olho no meio da Amazônia onde só deus podia me encontrar. Aprendi a dançar para a terra. Aprendi a cantar para mim. Aprendi a sentir para todos. Aprendi a ser grande e pequena. Aprendi que tudo que eu sabia sobre Educação Ambiental estava ultrapassado. Que o mais atual da arte estava ali, co-existindo comigo. Presente. Era como estar dentro da mãe. Tudo era uno. Eu poderia morrer e viraria terra.

Montamos um espetáculo sobre a mitologia indígena relativa à origem do universo. Esse espetáculo rodou por muitos teatros e mostrou nossos índios recriados, nossa memória. E no momento em que apresentamos nossos brancos índios para a própria comunidade indígena e apresentamos o espetáculo para nossos educadores, o espetáculo se abriu ao cotidiano da aldeia e dançamos e cantamos durante cinco dias. A partir desse encontro, foi publicado um vídeo-documentário homônimo, que seria premiado como melhor vídeo latino-americano de meio ambiente em 1999 e um

livro, lançado pela Editora da Unb, em versão bilíngüe. Não sei não... Mas misturar tudo por dentro é como dançar sem movimento aparente.

4.7 Tempo de Orixás

São Luís do Maranhão. Janeiro de 2000. Nesse tempo eu cheguei a acreditar que para onde quer que eu fosse existiria um universo para me apaixonar. Fui para os “lençóis maranhenses” em busca de uma comunidade de albinos que viviam em meio às dunas refazendo suas casas de tempos em tempos enquanto o vento brincava com a paisagem. As dunas mudavam de lugar e as casas tinham sempre que estar flutuando. Uma moradora das dunas me disse: “Aqui a gente não faz casa pra durar”. Percebia-se naquele lugar uma relação particular entre o homem e a natureza à sua volta.

A maior comunidade de albinos do mundo se dizia filha de Dom Sebastião com a Lua. O Sebastianismo renascia no Brasil por meio do Terreiro de Mina.

Tempo de entrega. Tempo de Terreiro e de respeito. Tempo de olhos entreabertos e boca fechada. Enquanto a luz do sol refletia na areia e incidia sobre todos em quantidade dobrada, pintando tudo de ouro, a escuridão do mistério reinava nos corações. Era chegada a hora.

Estávamos, nessa época, comemorando a marca de 500 anos da chegada dos portugueses no Brasil, um fato que levou muitos pesquisadores a repensar nossa formação étnica. Um fato que me fez pensar que somos todos fugitivos de nós mesmos e nos escondemos uns nos outros, misturados pela necessidade de sobrevivência. Lá, onde o Brasil acaba, num pedaço de terra fugitiva do continente – São Luís do Maranhão convidou-me para dançar.

Localizada entre as águas do Norte, que nos fazem arrastar os pés no chão, e o fogo do Nordeste, que nos ensina a saltar de banda, a Ilha me propôs espalhar. Espalhei-me então, entre sombras, lendas e desertos, águas salgadas e doces, a convite de todas as correntes do mar, que quanto mais soltam, mais prendem, quanto mais prendem mais soltam e assim por diante.

Foi no *Terreiro de Mina* e no toque do tambor que pude ouvir os preparativos para a grande festa. Lá estavam, no terreno, homens e deuses ocupando um espaço único numa intrínseca relação, onde a natureza flutuante de areia ensinava o desapego, onde a humanidade se permitia continuar além mar, numa mistura étnica e na busca inquieta da sacralização do conhecimento.

4.8 Tempo Velho

De volta à Brasília, de volta ao Cerrado, uma voz rarefeita dizia meu nome. Depois de tanta Amazônia, de tantas dunas de areia, novamente buscar a água no fundo profundo de meu Cerrado natal. A secura do tempo racha minha boca, racha meus pés, racha minha pele e envelhece minhas mãos. Nascia aqui a “A Velha do Cerrado”, oradora de estórias de antigamente, de quando nem gente existia. Pré-histórica mulher de olhos de onça.

Nasceu no berço das bacias, emendando sua vida às águas emendadas. E assim, essa personagem tem aparecido por aí, em pequenas comunidades do Centro – Oeste, às vezes em Correntina, na Bahia, às vezes na cabeça de quem quis ouvi-la. A *Velha do Cerrado* tem aprendido com mulheres de sua idade coisas sobre essa vegetação, essas águas, esse povo “*Cerratense*”, como diria Paulo Bertran, essas pedras preciosas.

No caminho das águas uma árvore velha observa a velha senhora. Elas são do mesmo tamanho. Elas têm a mesma raiz. Estão ambas sentadas sobre as pedras.

Vem a chuva e elas abrem a boca. Vem a tempestade e elas se fincam nas pedras. Vem o sol e elas bebem a chuva. Se curvam diante do sol, como se murchassem, elas reverenciam.

Nos dedos mais finos da árvore estão os rostos de seus filhos, os brotos.

Nas mãos velhas da velha tem as linhas.

Tudo está escrito na terra. Tudo está na ponta dos dedos, na palma da mão.

Tudo tem seu tempo de amanhecer.

Se é broto, ao mesmo tempo é mãe; Se é mãe, ao mesmo tempo é deus; Se é deus, ao mesmo tempo é chuva.

No coração da árvore tem uma flor. Na flor da velha, um coração.

A velha põe sua flor nos cabelos e sai embelezando o caminho. E o coração da árvore brotou todo dentro dela.

Velha do Cerrado, Goiânia, maio 2005

PARTE I – REFLEXÕES E QUESTIONAMENTOS TRANSDISCIPLINARES

1. PROPOSTA INTUITIVA DE GESTÃO AMBIENTAL A PARTIR DO CONHECIMENTO TRADICIONAL DE COMUNIDADES DO CERRADO

O homem, sempre que andava, corria e então não podia ver que o tempo pode abrir-se em espaços, que a estrada é o próprio fim, que a vida, enfim, pode ser o sonho, o sonho comum de fazer parte do meio em que habita.

De outro lado vinha A Velha, surda, mcoronga, ignorando os conflitos universais, transcendendo o paradigma do desenvolvimento humano, como ele, incógnita.

Os passos dela se aprofundavam em raízes e ele não compreendeu como ela podia andar. Já os passos dele, quase não tocavam o chão, obcecado que estava pela curiosidade do mistério.

De uma ou de outra forma se encontraram, enfim. Ele, como quem vê Deus, ela, desprevenida, mergulhou em seus olhos, permeou suas veias, inteirou-se de seus pensamentos e possuiu o homem.

Nos tempos antigos chamariam esse encontro de encanto. Encantaria. Bruxaria. Hoje, o termo mais comum seria a incorporação.

Negros, no Brasil, permitem-se estar com seus deuses. Dentro de um ser, outro ser, no mesmo espaço, ao mesmo tempo, como os sons naturais.

Índios brasileiros olham o tempo e sabem que o tempo os olha também.

Cuidam de Deus. Cuidam da casa. Cuidam do mato e dos remédios do mato. Cuidam da terra e dos que nascem da terra. Cuidam dos conhecimentos dos que morreram e cuidam da noite para que ela possa, um dia, amanhecer.

No encontro das gerações são reveladas as leis fundamentais, e sobre elas não se escreve, se sabe. É sabido que tudo continua. A planta continua no remédio. O remédio continua no homem. O homem no outro homem e na onça. A onça na outra onça e na capivara. A capivara continua na terra, a terra é o mesmo que a água, a água é o próprio céu refletido. Tudo continua e cuida.

Depois que chegou a estrada de asfalto era bom continuar pra lá e ir cuidando no caminho. A estrada, que dizem que chegou, estava era indo, daqui pra lá. Foi gente, veio coisa, foi crença, veio nada, foi numa língua, veio em outra, foi numa mão, voltou em outra. Caminhão. Farol. Luz alta. Atropelamento. Teve um tempo, aqui perto mesmo, onde se podia contar uma porção de tamanduá-bandeira na beira do asfalto. Depois, pode ser que eles morreram mesmo, pode ser que aprenderam com a rua. Hoje, não se conta mais.

O homem, cheio de velha dentro, diziam que estava enlouquecido. Conversava sozinho, mas nunca estava só. Ouvia vozes e elas repetiam coisas como se fosse ele mesmo falando. É claro, existia um rio dentro dele. É claro, uma montanha era continuação de seus dedos do pé. Montanha inteira, com grutas, lençóis de água no fundo, morcegos, aleluias de chuva, silêncio.

Mas como manter Deus dentro Dele? Era isso que o angustiava agora. E se Deus enjoasse? Fugisse? Achasse apertado ou seco?

Nesse momento de ansiedade tudo se esvaziava e sumia. Aí era o próprio homem que aconselha aos outros à distância. Dizia-se, em voz alta, um louco. E procurava,

correndo, sempre correndo de cidade em cidade, de língua em língua, de estrada em ponte, asfalto, ouvidos, sempre correndo, enquanto caminhava, uma forma de fazer parte do meio. Entrar e sumir dentro dele.”

Velha do Cerrado, Brasília, 17 de novembro de 2005.

A busca de respostas que possam originar a paz entre os homens, o desenvolvimento humano, de forma a preservar os recursos naturais para gerações futuras, vem sendo intensificada desde 1972, na **Conferência de Estocolmo**, quando representantes de 113 países, 19 órgãos intergovernamentais e 400 organizações intergovernamentais e não-governamentais, participaram contribuindo para o fomento de questões relativas a preservação ambiental e desenvolvimento da qualidade de vida. Esta conferência, segundo Maurice Strong, lançaria “um novo movimento de libertação”, que emanciparia os seres humanos dos perigos ambientais causados por eles mesmos.

Preocupava-se aí, principalmente, com a relação do homem com os recursos naturais e seus efeitos na qualidade de vida humana.

Bárbara Ward coloca que: “Antes de Estocolmo, as pessoas geralmente viam o meio ambiente [...] como alguma coisa totalmente separada da humanidade [...] Estocolmo registrou um deslocamento fundamental na ênfase de nosso pensamento ambiental. [...] Pela primeira vez, o meio ambiente estava sendo discutido pelos governos do mundo como um tema em si, por seu próprio mérito”.

A posição dos países menos desenvolvidos foi alterada a partir daí, uma vez que a conservação dos recursos naturais globais estava relacionada, a princípio, à estagnação do desenvolvimento desses países.

A China tomou frente a esse propósito de defender a exploração dos recursos naturais por países menos desenvolvidos, de acordo com seu interesse e necessidade de desenvolvimento, levantando, assim, a reflexão sobre a relação entre economia e conservação ambiental.

O importante papel das ONGs, que organizaram um Fórum Ambiental de debates e encontros paralelos à Convenção de Estocolmo, antes e durante sua realização, foi outro fator relevante nessa convenção.

Declaração, Princípios e Plano de Ação foram produzidos na Conferência de Estocolmo.

Entre os principais registros das questões levantadas e refletidas durante a convenção, que tentaram definir não simplesmente o termo “meio ambiente humano”, mas estabelecer um caminho, com planos efetivos para a promoção desta área do conhecimento, estão os 26 princípios, que podem ser resumidos em 5 grupos principais, sendo eles:

- A conservação dos recursos naturais;
- Assistência e incentivo aos países menos desenvolvidos no sentido de promover a elevação da qualidade de vida local e global;
- A promoção da cooperação internacional para o melhoramento ambiental;
- A poluição, em especial a dos mares, não deveria exceder à capacidade de renovação do meio ambiente.
- A Ciência, tecnologia, educação e pesquisa deveriam ser utilizadas para promover a proteção ambiental.

Enfim, o plano de ações definiu uma série de atividades internacionais em busca do desenvolvimento de estudos a respeito do meio ambiente e suas principais tendências, bem como de seus efeitos sobre a humanidade, visando a melhoria da qualidade de vida de forma mundial e o planejamento da administração dos recursos ambientais.

O legado de Estocolmo pode ser resumido em quatro resultados importantes:

- A conferência confirmou a tendência mundial em direção a uma nova ênfase sobre o meio ambiente *humano*.
- A conferência forçou um compromisso entre as diferentes percepções sobre o meio ambiente defendidas pelos países mais e menos desenvolvidos.

- A presença de ONGs na conferência marcou seu novo papel no trabalho dos governos e das organizações intergovernamentais.
- O evento possibilitou a criação do Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas como um produto tangível da convenção.

Enfim, a Conferência de Estocolmo pode ser considerada um marco fundamental no que se refere ao tema Meio Ambiente *Humano* e ao crescimento do ambientalismo internacional, pois pela primeira vez foram discutidos problemas políticos, sociais e econômicos relacionados ao desenvolvimento ambiental global, em um âmbito internacional, onde foram ouvidos governos, organizações interestaduais e não-governamentais de países desenvolvidos e de países em desenvolvimento.

A Declaração, os 26 princípios estabelecidos e o Plano de Ação foram os produtos efetivos decorrentes de Estocolmo, além, é claro, da abertura inevitável de diálogo entre Estados em diferentes fases de desenvolvimento em busca de objetivos comuns capazes de melhorar a qualidade de vida humana na terra.

Vinte anos depois ocorreria a Convenção sobre a Diversidade Biológica – CDB, assinada por 156 países, incluindo o Brasil, durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento ou Rio 92, ratificada pelo Congresso Nacional em 1994.

Além de recomendar a conservação da biodiversidade e dos recursos naturais que a envolvem, e promover a busca pela utilização razoável destes recursos para o desenvolvimento humano, esta convenção ressaltou a necessidade da repartição justa e equitativa dos benefícios derivados dos usos diversos dos recursos genéticos.

O que se buscou durante esta convenção foi associar à proteção ambiental, o desenvolvimento social, cultural e econômico, em especial daqueles países em desenvolvimento, que detinham, além da expressiva variedade biológica, uma deficiência tecnológica, econômica e social em relação a países mais desenvolvidos.

A partir de meados dos anos 80, começou a surgir no Brasil um tipo de ambientalismo distinto do preservacionista, mais ligado às questões sociais. Esse novo movimento surgiu no bojo da redemocratização, após décadas de ditadura militar, e, conseqüentemente, caracteriza-se pela crítica ao modelo de desenvolvimento econômico altamente concentrador de renda e destruidor da natureza, que teve seu apogeu durante esse período.

A. C. Diegues 2000:21

Assim, as ações voltadas para a preservação dos recursos naturais passam a ser associadas a uma necessidade de desenvolvimento econômico e social capazes de promover a qualidade de vida humana.

A Convenção propõe uma série de estratégias e ações para a implementação de políticas públicas além de incentivar programas inovadores de conservação dos recursos “in situ” e “ex situ”, e promover a disseminação de informações relativas a pesquisas recentes e resultados obtidos.

Segundo a CDB, os países têm soberania sobre sua diversidade biológica e pela utilização sustentável de seus recursos biológicos, devendo conservá-la e usá-la de forma sustentável, quando for o caso.

Além disso, a CDB assegura a proteção e regulamenta o acesso do conhecimento tradicional, incentivando o retorno de benefícios gerados pela utilização da biodiversidade, inclusive de produtos advindos da biotecnologia ou de qualquer aplicação tecnológica e/ou científica que utilize sistemas biológicos, organismos vivos, ou seus derivados para fabricar ou modificar produtos ou processos para sua utilização.

A Medida Provisória nº 2.186, de 23.08.2001, regulamenta o inciso II do § 1º e o § 4º do art. 225 da Constituição, os arts. 1º, 8º, alínea "j", 10, alínea "c", 15 e 16, alíneas 3 e 4 da Convenção sobre a Diversidade Biológica, dispondo sobre o acesso ao patrimônio genético, a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado, a

repartição de benefícios e o acesso à tecnologia e a transferência de tecnologia para sua conservação e utilização.

Esta MP preserva o intercâmbio e a difusão do patrimônio genético e de seus componentes, bem como do conhecimento tradicional a ele associado e praticado por comunidades indígenas e tradicionais em benefício próprio.

Art. 8º Fica protegido por esta Medida Provisória o conhecimento tradicional das comunidades indígenas e das comunidades locais, associado ao patrimônio genético, contra a utilização e exploração ilícita e outras ações lesivas ou não autorizadas pelo Conselho de Gestão de que trata o art. 10, ou por instituição credenciada.

Legalmente conceitua-se o conhecimento tradicional associado como sendo a informação ou prática individual ou coletiva de comunidade indígena ou de comunidade local, com valor real ou potencial, associada ao patrimônio genético.

Assim, o acesso ao conhecimento tradicional é entendido como sendo a obtenção de informação sobre tais conhecimentos ou práticas, promovidos individual ou coletivamente.

O que se constata é que, a partir de então, o Estado reconhece o direito das comunidades tradicionais de decidir sobre o uso de seus conhecimentos associados à preservação e utilização do patrimônio genético, firmando que este conhecimento integra o patrimônio cultural brasileiro, podendo ser objeto de cadastro.

Assim, a comunidade local tem garantido seu direito de permitir ou não, a utilização de seu conhecimento, a divulgação e a retransmissão de dados ou informações que integram o conhecimento tradicional, tendo assegurado seu direito de ter indicada a fonte deste patrimônio intelectual em todo material publicado a partir dele.

Esta demanda pela necessidade de se resguardar o direito sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado constata, a princípio, a expressiva

diversidade cultural brasileira, demonstrando as diversificadas naturezas sócio-culturais e étnicas de nosso Estado.

No Brasil, o que se observa é que as leis que regem as políticas públicas voltadas para a solução de questões relativas à gestão ambiental vêm sendo aprimoradas ao longo do tempo, de forma a contemplar o desenvolvimento econômico, social e cultural do país, minimizando os impactos ambientais gerados a partir das ações antrópicas, e valorizando os diferentes olhares nacionais que traduzem nossa diversidade biológica.

Um país como o Brasil, em desenvolvimento, e que reserva a principal floresta tropical nativa, onde se situa quase a metade da água potável do planeta, conforme revelam as pesquisas mais recentes, privilegiando a diversidade de ecossistemas, e, por conseguinte, a diversidade biológica, deve, é claro, estar à frente em discussões interestaduais que promovem a gestão dos recursos ambientais, bem como dos recursos humanos e tecnológicos necessários ao desenvolvimento do país.

É importante ressaltar ainda que a diversidade cultural que co-existe neste amplo território, de cultos sincretizados, saberes miscigenados, valores vindos de regiões tão distantes, deve ser observada como uma possibilidade de multiplicação de olhares, que intensificam o diálogo entre o desenvolvimento e a preservação ambiental.

O conhecimento tradicional associado torna-se relevante à conservação da diversidade biológica, à integridade do patrimônio genético do País e à utilização adequada de seus componentes, uma vez que atribui a este patrimônio valores que são repassados através das gerações, valores ancestrais.

Porém, o conhecimento tradicional vai além de sua aplicabilidade associada ao patrimônio genético, como define Antônio Carlos Diegues:

O Conhecimento tradicional pode ser definido como o saber e o saber-fazer, a respeito do mundo natural e sobrenatural, gerados no âmbito da sociedade não urbano / industrial e transmitidos oralmente de geração em geração. Para muitas dessas sociedades, sobretudo as indígenas, existe uma

interligação entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social.

A. C. Diegues, 2000:30

Manter a diversidade cultural do país, e os diferentes olhares a partir dela sobre a biodiversidade é uma das formas de preservar a intrínseca relação entre o homem e a natureza, para inúmeras espécies, inúmeros olhares, inúmeras identificações, variadas formas de integração entre a complexidade humana e a biodiversidade que o acolhe desde há tantas gerações.

As populações tradicionais não só convivem com a biodiversidade, mas nomeiam e classificam as espécies vivas segundo suas próprias categorias e nomes. Uma importante diferença, no entanto, é que essa natureza diversa não é vista necessariamente como selvagem em sua totalidade; ela foi, e é, domesticada, manipulada. Uma outra diferença é que essa diversidade da vida não é vista como “recurso natural”, mas sim como um conjunto de seres vivos que têm um valor de uso e um valor simbólico, integrado numa complexa cosmologia.

A. C. Diegues, 2000:31

Conhecimentos tradicionais tão variados a respeito de recursos naturais tão abundantes podem também estar sendo perdidos diante do avanço tecnológico e da massificação de informações que chegam de tantas formas como verdades absolutas.

Perde-se, ao longo do tempo, peculiaridades dos saberes locais a respeito dos recursos naturais, perdendo-se assim inúmeras possibilidades de associação do conhecimento tradicional, de informações ou de práticas com valor potencial ou real associados ao patrimônio genético.

Além disso, sabe-se, que não somente a amplidão espacial de nosso território é capaz de promover esta multiplicação de olhares sobre as questões ambientais, mas

também a co-existência de tempos distintos num mesmo tempo mundial é capaz de provocar o diálogo em tempo real entre o homem e seus ancestrais.

A matéria do Globo Repórter, noticiário da TV Globo, que foi veiculada no dia 20 de novembro de 2005, revelou um grupo indígena da Amazônia em seu primeiro contato com “homem branco” e sua cultura. Essa amplitude temporal faz do Brasil um país ainda mais rico em suas formas de relacionamento com o meio ambiente que o constitui.

Se as relações do homem com seu *habitat* vêm se transformando ao longo do tempo, no Brasil este diálogo intensifica-se, uma vez que aqui o homem pode ser observado em diferentes fases de seu convívio com a natureza que o cerca, refletindo o meio e sendo também seu reflexo.

Ao percorrer o espaço, observando a paisagem, deve-se estar atento às mudanças expressivas tanto do relevo, quanto da vegetação; tanto do clima, quanto da ocupação humana. Deve-se parar, observar atentamente, assinalar as rupturas, ou seja, as zonas fronteiriças. Procurar a divergência, o contraste e a mudança, enfim, a fronteira. “Harmonia e contraste, eis os dois elementos fundamentais de toda beleza”, dizia M. Vatel, um grande chef de cozinha da corte de Luís XIV. Sem perder de vista o caráter holista, próprio da geografia, essa frase traduz também uma das primeiras e mais importante contribuições do pensamento geográfico ao entendimento do planeta Terra e das sociedades humanas que o habitam, que é a percepção da diversidade que caracteriza tanto o meio natural como o social e cultural.

Antônio Teixeira Neto¹

Situada na Chapada dos Veadeiros, especificamente nos fundos do Vale dos Contrafortes da Serra Geral do Paranã, a região dos Kalunga é um exemplo de uma

¹ Professor visitante do Instituto do Trópico Subúmido da Universidade Católica de Goiás.
Netomap@hotmail.com / cartomapa@yahoo.com.br

realidade peculiar que até bem pouco tempo quase desaparecia em meio à paisagem, tão era seu distanciamento de outras culturas da mesma região, tal era seu entrosamento com o próprio ambiente.

Mesmo sendo sua região inóspita, é justamente a aspereza desse meio geográfico que se constitui na imensa barreira natural que assegurou e, bem ou mal, ainda assegura hoje, a sobrevivência, a segurança, as particularidades e a originalidade do povo *Kalunga*.

Antônio Teixeira Neto

Em um tempo próprio, em um espaço particular, os Kalunga, ainda hoje se relacionam intimamente com a diversidade natural que os envolve, um Cerrado composto por diferentes ambientes locais, vales férteis, brejos que alimentam córregos, buritis e buritiranas que alimentam a família, segredos ancestrais que alimentam a comunidade. O povo Kalunga vive ali há mais de dois séculos.

Cada sítio, cada micro-paisagem situada em um contexto geográfico mais amplo, como só acontece nesse imenso e aparentemente homogêneo território do Cerrado, tem especificidades que lhe conferem uma certa originalidade, como a umidade permanente dos terrenos de várzeas e varjões, a temperatura amena nos baixadões alagados, os capões sempre verdes e bastante arborizados nos relevos típicos das chapadas e muitos outros enclaves geográficos que abundam nesse imenso território do Cerrado.

Antônio Teixeira Neto

O Cerrado abriga povoados tão diversos quanto as paisagens naturais do Trópico Subúmido, que envolvem num só ecossistema aparentemente homogêneo diversas paisagens, campos abertos, campos limpos, campos sujos, cerrados e cerradões, chapadas, mata ciliar e ripária, cada um desses ambientes contribuindo para a formação de olhares e conceitos a respeito do espaço.

Encontram-se aí referências de valores essenciais para a melhoria da gestão dos recursos naturais, exemplos de soluções práticas para os conflitos gerados a partir dessa diversidade de encontros espaciais e temporais do homem com o ambiente, enfim, princípios que regem e regulamentam a gestão ambiental.

Tais princípios talvez ainda não possam ser protegidos como sendo um conhecimento tradicional associado, já que são práticas amplas de diálogo e convivência do homem consigo próprio, com sua comunidade e com os recursos ambientais que o cercam, mas que certamente deveriam ter a atenção dos técnicos, políticos e cientistas que se interessam pelo desenvolvimento sustentável e por possibilidades de gestão dos recursos naturais.

São princípios tais como observar o mundo natural a partir do próprio homem, considerando seu caráter antropomórfico, observar o homem como sendo um fractal do universo, onde é ao mesmo tempo parte dele e o contém por completo.

Assim, as relações entre ser humano e natureza, entre ele e os deuses ou espíritos dá-se de forma a unificar suas essências, abrindo um diálogo uníssono, em uma mesma língua, e isto se observa nos mitos originais dessas comunidades tradicionais. Neles está contido o estatuto, as leis universais que regem a comunidade.

“(…) nas mitologias antigas ou em mitologias antigas contemporâneas de outras civilizações, os rochedos, montanhas, rios são biomórficos ou antropomórficos e o universo é povoado de espíritos, gênios, deuses, que estão em todas as coisas ou por trás de todas as coisas. Reciprocamente, o ser humano pode sentir-se da mesma natureza que as plantas e os animais...”.

Morin, 1986:151

Na segunda metade do século XIX, em uma busca ilusória pelo “paraíso perdido”, ou o que Diegues trata por “natureza intocada”, são concebidos os primeiros “parques nacionais” norte-americanos, quando espaços delimitados considerados

intocados são transformados em áreas naturais protegidas, nas quais não se permitiriam moradores.

Estes espaços, no entanto, são o refúgio de moradores metropolitanos capazes de gerar benefícios a seus visitantes e turistas. Muitas vezes estabelecendo valores para visitas periódicas e, principalmente em países em desenvolvimento, desterrando moradores locais, estas áreas acabam por distanciar ainda mais o homem de seu habitat natural, considerando-o sempre como uma ameaça à preservação do meio ambiente.

“Toda a concepção de “conservação” passa necessariamente pela noção do mundo natural. Esse conhecimento, mesmo hoje, não se restringe ao produto da ciência moderna, cartesiana, mas é representado por símbolos e mitos.”

(Diegues, 1993:57)

É certo que essas áreas protegidas estão permeada de símbolos que levam o ser humano a encontrar-se consigo mesmo, resguardando-se da constatação do homem como sendo uma espécie fracassada, suicida, responsável pela morte de seu planeta mãe, de seu semelhante contemporâneo, pela falta de amor por gerações inteiras, futuras.

Sabe-se que caminhando pelo Cerrado encontra-se inspiração para a vida. Sente-se aí a paz necessária para se criar o filho. Vê-se na mata a si mesmo, e essa reflexão permite situar-se no tempo e nos ciclos universais.

Mas aí reside o atual paradigma da gestão ambiental. O lugar do homem na natureza. O controle dos instintos humanos. O descontrole da razão pragmática de enquadrar as coisas, os pedaços de chão, os deuses bons e ruins.

Sociedades primitivas e tradicionais estão em simbiose com a natureza e, antes disso com o semelhante, com a comunidade. Essa unicidade fortalece o sentido das partes. Partes completas do todo.

Observa-se isso em seus mitos bioantropomórficos, e principalmente, no valioso lugar que eles ocupam no cotidiano comunitário.

Se o vento é frio, ele chama a chuva. A chuva pode ser fina ou grossa, tudo indica o que deve ser feito. Se a lua é cheia, ela marca o tempo. Se os rios respondem ao pedido dela, os peixes virão para onde está o homem. Se o homem silencia, ele pode ouvir os sinais. Tudo tem seu tempo. Tudo escuta e responde. Mas se os homens se confundem, em milhares de direções, correndo em círculos, despreendendo-se dos princípios fundamentais, eles confundem os peixes, e esses podem não se lembrar do tempo de piracema. O homem a montante passa fome e resmunga. Tudo ressentido.

Em junho de 2000 a lei nº 9.985 que regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III, e VII da Constituição Federal e institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza - SNUC, estabelece critérios e normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação.

Com objetivo de contribuir para a manutenção da diversidade biológica e dos recursos genéticos no território nacional, resguardando espécies ameaçadas de extinção e contribuindo para a preservação e a restauração da diversidade de ecossistemas naturais, esta lei busca a promoção do desenvolvimento sustentável a partir do uso devido dos recursos naturais.

Entretanto, quando projetos de governo e de organizações não governamentais almejam incentivar atividades de pesquisa científica, estudos e monitoramento ambiental, em conformidade com um dos objetivos específicos da lei, o fazem de forma a prever o apoio a pesquisas respaldadas por instituições acadêmicas ou científicas desconsiderando, o conhecimento tradicional e suas habilidades particulares de controle e manutenção da biodiversidade.

Essas habilidades praticadas cotidianamente, tais como a pesca, a caça e o plantio, geralmente promovidas durante tantas gerações, estabelecem uma real relação com o meio ambiente e os mitos que o envolvem.

Quando a lei promove a educação e interpretação ambiental, o incentivo à recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico, o faz buscando a utilização indireta dos recursos naturais não por comunidades anteriormente instaladas nessas áreas

de preservação natural ou em seu entorno, mas por aquela parte da sociedade capaz de garantir o ingresso nessas áreas pagando tarifas em prol de sua manutenção.

O que se tem observado é a prática da supervalorização dos conhecimentos acadêmicos, muitas vezes respaldados em estudos de casos ocorridos fora da região de sua aplicação, ou ainda fora da nossa própria extensão territorial, onde as condições econômicas, sociais e culturais são, como os recursos naturais, diversos.

O que se tem observado é a prática da teoria, desenvolvida de forma a manter as mãos limpas de terra, os pés altos do chão, a pele longe dos insetos tropicais, o coração distante dos saberes locais.

Art 4º O SNUC tem os seguintes objetivos:

(...) XIII - proteger os recursos naturais necessários à subsistência de populações tradicionais, respeitando e valorizando seu conhecimento e sua cultura e promovendo-as social e economicamente.

E de longe A Velha ficou admirada de ver o homem correndo pra cima e pra baixo, cidade em cidade, asfalto, noticiário, jornal, explicando pra tantos outros sobre umas Reservas Naturais, onde ninguém podia ir porque ninguém nunca tinha ido...

De início, pensou a velha que era dela que ele falava...

Existiam mesmo lugares na Velha que nem ela própria sabia chegar...

Mas o homem continuou falando que protegia pra não acabar...

E a Velha, já surda de estórias, falava sozinha: “Como é que num vai acabar uma coisa que ninguém pode ir lá pra cuidar? Quem é que vai saber contar como é que as coisa acontece? Ele disse que em volta podia ir. Que em volta não tinha importância. Mas como é que logo onde pode ir é que não tem importância?”

Se ninguém nunca foi lá, quem é que vai ensinar pra gente como é que vive lá? Qual é o tempo da lua falar pros peixe subir o rio pra gente ir pescar eles lá em cima? Que jeito que a chuva engrossa pra dizer que tá na hora? Esse tempo é o tempo quem diz... Eu heim... Homem doido... Parece até que tá possuído.”

Velha do Cerrado, 22 de novembro de 2005.

2. O PODER, OS LÍDERES E OS FUNDAMENTOS EM SOCIEDADES PRIMITIVAS

Em uma de minhas visitas à comunidade indígena Xicrim do Cateté, no sul do Pará, quando coordenava uma equipe de pesquisadores, ocorreu um incidente importante para minha reflexão a respeito do poder e da liderança em sociedades onde não se verifica a presença de um Estado. Assim, começarei por relatar o ocorrido a fim de orientar as palavras e idéias que se seguem, assumindo desde o início este aprendizado como um dos pressupostos deste trabalho.

Estávamos nos preparando para retomar nossa viagem de barco, a montante do rio Cateté, na Amazônia, saindo da Aldeia Xicrim em direção à Aldeia Djudjekô, quando o vento úmido anunciou a chuva que nos acompanharia durante parte do trajeto. Como dispúnhamos de equipamento de filmagem e registro fotográfico que não poderiam entrar em contato com a água, solicitei que uma pessoa da equipe me ajudasse a estender a lona preta sobre o barco a fim de poupar-nos de algum possível transtorno futuro. Esta pessoa opôs-se a mim alegando que a lona seria desnecessária, expondo suas justificativas. Talvez em decorrência do cansaço de nosso grupo, que estava viajando já fazia alguns meses, entramos em atrito e estabeleceu-se uma discordância generalizada, onde cada um se pronunciava desordenadamente.

Crianças e jovens da comunidade indígena que acompanhavam nossa partida silenciaram-se a um só instante. Todos pareciam um ser único. O mesmo olhar, a mesma água parada na boca. Nosso grupo discutia incessantemente e quando pudemos ouvir o silêncio ele já gritava sobre nós. Nesse momento o líder da

comunidade que visitávamos tocou meu ombro com um simples questionamento: “Quem é o líder de sua equipe?” Constrangida, baixei a cabeça e o acompanhei até sua casa.

Chegando lá, sozinha, me deparei com um círculo composto pela maior parte dos homens da aldeia. Impressionei-me com a eficiência da organização daquela sociedade, que a poucos minutos do ocorrido já se mobilizara de tal forma a fim de me garantir mais um ensinamento.

Pediram-me que eu tirasse os óculos, talvez para que pudéssemos nos olhar sem máscaras, e em seguida me perguntaram o que minha gente queria. Naquele momento pude perceber que o papel do líder naquela sociedade definitivamente não estava vinculado ao poder, mas era antes a simples representação de uma voz coletiva. O líder é a voz do social, é ele que funciona para o grupo, é ele que trabalha pelo grupo, e não o contrário.

Recebi orientações como se falassem para todos nós, minhas palavras tinham o peso da coletividade e minha opinião pessoal não tinha espaço naquele espaço. Senti que estava ligada à minha equipe, mais ainda, ligada à minha sociedade de não índios e tudo o que eu falava dizia por nós.

Inevitavelmente me afastei daquela comunidade indígena que tanto busquei encontrar, e assim, falei como uma líder que dialoga com outro líder. Busquei minha identidade, minha tradição, meus antepassados, meu bom senso. Realmente me perdi buscando a mim mesma porque tudo o que buscava era ser como eles, mas eu não era mais. Minha equipe esperava de mim uma líder com poder de arbitrar, e eu já não podia ser. Meu conflito estava exatamente no papel do líder que eu exercia em minha sociedade. Que espécie de líder? Que espécie de sociedade?

Mas existia em mim uma velha Kaiapó, e ela me corria por dentro. Sua voz era clara e me aproximava daqueles índios em círculo. Eu era quase igual a eles, não fosse a sociedade que eu representava, sociedade estatal, incompleta, infantil, em seu estágio embrionário, contrariando a linearidade histórica da concepção tradicional de Marx, onde as sociedades primitivas ocupam o grau zero da história. Para mim, era claro: eu estava diante de uma sociedade completa, sem Estado por opção, por

recusarem a divisão de seu corpo social em dominantes e dominados. Estava diante de mim mesma. Assim, eu aprendia uma vez mais com meus antepassados. Desta vez sobre o poder na organização social.

Esses dias um homem índio morreu mendigo. Esses tempos queimaram seu corpo porque pensaram que ele não tinha alma. Esses homens que tinham o fogo nas mãos esqueceram que um dia o fogo já foi da onça, e queimaram o índio e se foram, sem alma. O índio não conseguiu entender as regra dos homens de fogo. Não por que não teve tempo, porque morrer queimado leva muito tempo, mas por que não sabia que arma devia usar. Quais as armas legais? Quais as regras da selva, se essa selva não responde mais? Antigamente a selva respondia, o homem ouvia e essa era a regra. Antigamente os maracás cantavam as sabedorias do tempo. O homem beirava os deuses e os deuses ditavam as regras. Mas se a selva mudou de dono, quem é que dita as leis agora? Quem olha por todos? Se nos queimamos à toa, não podemos brincar com fogo.

Velha do Cerrado, 12 de fevereiro de 2004.

O poder em organizações sociais primitivas não está especificamente vinculado a seu líder, antes disso, dissolve-se entre as mulheres, os homens, as crianças e os velhos dessa comunidade. O poder de uma sociedade primitiva está em sua unidade, na trajetória comum de seus antepassados, na possibilidade de diálogo espiritual entre seus indivíduos, de revelações coletivas inerentes àqueles que são unos, capazes de religarem-se com seus deuses, seu meio ambiente, seu semelhante. O poder não está concentrado, mas diluído nessas sociedades. Assim como seus deuses são eles próprios, assim como o sobrenatural é natural, assim como a sabedoria arquetípica e simbólica está presente em seus mitos contados e revividos diariamente no cotidiano simples de uma sociedade sem Estado, o poder está na coletividade.

Falamos em solidariedade, isso porque já estamos tão divididos e subdivididos e subnutridos de força coletiva, que nos tornamos incapazes de nos ver em nosso semelhante. A solidariedade é a esperança dos farelos de deuses que somos.

O verdadeiro líder de uma comunidade deve simplesmente ter essa capacidade de unir, ou de representar uma sociedade uma, e somente irá qualificar-se assim tendo a generosidade, a humildade e a capacidade da oratória em sua essência.

Pierre Clastres, em seu artigo sobre o Etnocídio (Encyclopaedia Universalis, Paris:1974), nos revela que “...o Estado é, por essência, o emprego de uma força capaz de esmagar forças divergentes inversas”. O Estado se intitula o centro de uma sociedade. Mas é exatamente a força que deveria representá-la que a esmaga, negando as diversidades culturais, o conhecimento tradicional e as diferenças locais, e impondo valores absolutos com o intuito de facilitar a administração social.

Se o termo genocídio remete à idéia de “raça” e à vontade de extermínio de uma minoria racial, o termo etnocídio aponta não para a destruição física dos homens (caso em que permaneceria na situação genocida), mas para a destruição de sua cultura. O etnocídio, portanto, é a destruição sistemática dos modos de vida e pensamento de povos diferentes daqueles que empreendem essa destruição.

Clastres, Pierre 2004:83

O autor do livro *Arqueologia da Violência* sugere ainda que “o líder em uma sociedade primitiva tem uma dívida para com a sociedade, e não o contrário”. Quando a sociedade tem uma dívida em relação à sua chefia, ela se ausenta do poder e esta sociedade se divide então em dominantes e dominados.

Na contramão, o que se observa é que justamente a partir da diversidade étnica surge a possibilidade de resolução de conflitos locais que acabam servindo como referência para problemáticas globais; É a integração dos conhecimentos que nos garante um conhecimento menos mutilado.

O etnocídio, portanto, é a redução do outro ao mesmo. Redução, e não agregação, já que dissolve o múltiplo para alcançar o uno, mas não soma, não reflete sobre as diferenças, não percorre o todo em busca de arquétipos comuns e diferentes, mas reduz a verdade sob uma única ótica, mostrando horror às diversidades e abolindo o outro quando este se torna a oposição. Assim sendo, a organização estatal é por essência etnocida. Destruir a diferença quando ela se transforma em oposição é uma prática etnocida do Estado.

A violência etnocida, como negação da diferença, pertence claramente ao Estado, tanto nos impérios bárbaros quanto nas sociedades civilizadas do Ocidente: toda organização estatal é etnocida, o etnocídio é o modo normal de existência do Estado.

Clastres, Pierre 2004:90

Em especial, as sociedades ocidentais, devido a seu regime de produção econômica, cedem espaço ao etnocídio, contribuindo para a destruição de indivíduos, de raças, de sociedades, de espaços naturais, do solo e do subsolo etc. O capitalismo acarreta a exigência intrínseca da utilidade das coisas. Tudo deve ser útil, tudo deve se permitir ser utilizado, comercializado, tudo deve ser produtivo para que possa ser aceito e incorporado ao sistema econômico. Assim, pensamentos divergentes, crenças opostas ou soluções criadas a partir de valores diferentes e que poderiam desencadear novas possibilidades podem originar o etnocídio.

O que diferencia o Ocidente é o capitalismo, enquanto impossibilidade de permanecer aquém de uma fronteira, enquanto passagem para além de toda fronteira; é o capitalismo como sistema de produção para o qual nada é impossível, exceto não ser para si mesmo seu próprio fim: seja ele aliás, liberal, privado, como na Europa ocidental, ou planejado, de Estado, como na Europa oriental.

Clastres, Pierre 2004:91

Neste momento questiona-se a importância de determinados “selvagens” considerados “improdutivos” capazes de desperdiçar seu tempo e o espaço comum realizando atividades inviáveis economicamente, como por exemplo, o diálogo com os animais e as plantas, a sintonia coletiva em busca do bem estar, a utilização sustentável do meio ambiente, a preservação do conhecimento secular ao redor da fogueira, enquanto o céu dita as normas naturais de autoconhecimento e respeito à vida.

Entretanto, é possível assegurar que o etnocídio está inevitavelmente relacionado ao próprio genocídio. Um indivíduo morto em seus valores, descrente de seus deuses, perdido etnicamente é um homem estéril, incapaz de transmitir conhecimentos tradicionais, de dialogar com seus antepassados. Uma sociedade incapaz de reproduzir sua cultura tem sua identidade perdida, seus indivíduos perdidos, seus velhos mudos e seus fundamentos banalizados.

Torna-se necessário sacralizar as leis fundamentais que norteiam a sociedade. O contato com a sabedoria milenar estreita o contato consigo mesmo, e conseqüentemente promove o respeito aos seus iguais e às diferenças entre seus iguais.

Esse é o papel dos ritos de passagem, enquanto ritos de iniciação, em sociedades primitivas: comunicar ao iniciado as regras da sociedade à qual ele está se inserindo. É a partir desses ritos que são repassados o saber sobre o próprio indivíduo em sua essência constituinte da comunidade à qual ele pertence.

No rito iniciático, os jovens recebem da sociedade – representada pelos organizadores do ritual – o saber daquilo que é, em seu ser, a sociedade, daquilo que a constitui, a institui como tal: o universo de suas regras e normas, o universo ético-político da lei. Ensino da lei e, conseqüentemente, prescrição da fidelidade a essa lei, na medida em que ela assegura a continuidade, a permanência do ser na sociedade.

Clastres, Pierre 2004:116

A verdadeira instituição da sociedade ocorre em um tempo anterior ao tempo humano, onde homens eram deuses e esses deuses-homens agiam de acordo com suas normas. A lei, portanto, é obra dos antepassados, e o mito é a forma de relato desses fundamentos sociais, de suas normas e leis. É a partir do mito que a sociedade entra em contato com seus fundamentos e consigo mesma e isso se dá de forma natural e cotidianamente, e se acentua por meio dos rituais de iniciação.

Em volta de uma fogueira os velhos revelam o conhecimento de seus antepassados às crianças e aos jovens por meio da linguagem mitológica, mas é nos rituais de iniciação que o indivíduo interioriza a verdade mítica e as leis que o governa, revivendo o gesto fundador.

São os antepassados míticos ou os heróis culturais que conduzem os rituais enquanto os jovens o recebem.

Dessa forma, a sacralidade que rege os rituais de iniciação e a própria relação entre mito e realidade acaba por tornar sagradas as leis fundamentais da sociedade. As leis sociais, portanto, são respeitadas à medida que são respeitados os antepassados míticos e que se respeita a si mesmo.

Verificando que as leis fundamentais são sacralizadas no decorrer do desenvolvimento individual, podemos iluminar os motivos pelos quais torna-se desnecessário nessas comunidades primitivas que seu líder exerça o papel de juiz, definindo verdades a respeito de determinado conflito a partir de sua percepção humana. Torna-se impróprio burlar esses fundamentos em razão própria, torna-se dispensável advogar a serviço de determinado indivíduo.

Neste sentido, é válido lembrar que a sabedoria popular pode orientar os estudos acadêmicos e a elaboração de políticas públicas. Edgar Morin, quando reflete sobre a interface da sabedoria popular e dos estudos acadêmicos, nos lembra:

“O conhecimento, sem o conhecimento do conhecimento, sem a integração daquele que conhece, é um conhecimento mutilado”. Edgar Morin

Torna-se imprescindível buscar esta sabedoria para o convívio social entre aqueles que puderam manter uma ligação tão próxima com a natureza que os envolve, aprendendo com ela os valores naturais, ouvindo a partir dela, diariamente, a voz de seus antepassados e tornando-se universal dentro de uma aldeia, onde parecem existir algumas centenas de índios, mas onde estão vivos milhares deles. Um índio que caiu e virou terra, um índio que amanheceu tapir, outro ainda que por ser filho de onça tem fogo nos olhos, e aquele tanto de índio-estrela que reserva chuva para as plantações e mais o índio-branco e o índio-deus, todos habitantes daquela aldeia redonda. Um olho no meio do mato.

Esta é a lei universal, ver naturalmente o *sobrenatural* e ouvir o que se diz a respeito do valor das águas, do valor dos montes e das palavras. Refletir os movimentos naturais no cristalino dos olhos e olhar com eles para o da mesma espécie. Religar as diversidades culturais em um centro único, observando as cores que pintam as extremidades e respeitando o escuro de onde tudo nasce.

3. VALORES QUE DESVALORIZAM

A necessidade de se delimitar e proteger espaços territoriais portadores de beleza cênica ou de atributos naturais importantes, das atividades antrópicas predatórias surgiu em decorrência do avanço urbano-industrial, conforme mostra o histórico da gestão ambiental. Por outro lado, o reconhecimento sobre a importância do papel de populações tradicionais e a valorização ambiental por parte daqueles que freqüentam ou habitam Unidades de Conservação, tem se tornado cada vez mais importante para a preservação e manutenção da diversidade biológica e mais ainda para o estreitamento da relação do homem com a natureza. Sobre esta questão da inter-relação entre diversidade cultural e biológica, SACHS trás a seguinte reflexão:

O estudo da biodiversidade não deveria estar limitado a um inventário das espécies e genes, por dois motivos: primeiro, porque o conceito de biodiversidade envolve

também os ecossistemas e as paisagens; segundo, porque a biodiversidade e a diversidade cultural estão entrelaçadas no processo histórico de co-evolução.

SACHS (2002, p.31)

Porém, o que se verifica é justamente a dificuldade de se estabelecer um valor absoluto para os recursos naturais, mais ainda delicado é instituir um valor preciso para os elementos naturais e sua força conjunta.

Como valorar a natureza? Como determinar o valor da vida? Como determinar quanto vale a água de beber, a água de limpar, a água de brincar ou de rezar? O ponto de partida para essas reflexões pode estar no devido lugar onde se encontra a natureza no homem e o homem na natureza.

“Conheço uma falésia onde
nascentes de água brotam das rochas,
onde o rio, correndo da nascente,
se debate e faz espuma”.
Guimarães Rosa.

Tomemos o exemplo da água, que recentemente, no Brasil, teve seu valor definido. Pesquisadores das mais diversas áreas foram consultados para finalmente definir um preço por um metro cúbico de água. Contam tudo, em teoria, todos os termos da equação, valores reais, valores virtuais, valores vitais, valores simbólicos e até mesmo valores teóricos considerando futuras gerações. Tudo isso é igual ao preço da água de um rio.

Mas, no final das contas o que vale mesmo é a lei mais antiga do mercado, a lei da oferta e da procura. Todos procuram, a natureza oferece. Alguns compram para vender, outros para poluir, uns compram e bebem, outros nem entendem a equação do mercado. Uns se confundem e pagam o preço, outros estudam para confundir. Um diálogo imenso se estabelece e cria-se a nova lei do preço da água, que por sua vez choca-se com a lei da posse da terra. A terra é de quem comprou. A água estava cheia de terra comprada em volta. Assim, a água e a terra vão suprindo as necessidades de

uso do homem, não de todos os homens de sede, de fome e de bem, mas de todos os homens que puderam pagá-las.

Ginette Paris, *Meditações Pagãs*, 1946, nos lembra que a água é tratada como elemento simbólico por diversas civilizações que contemplam religiões míticas, desde os primórdios da humanidade. Estabelecer qualquer reflexão sócio-ambiental sobre a água sem considerar tais valores culturais humanos, não seria legítimo, já que estaríamos descartando a relação vital entre o ser humano e seus deuses naturais e, por conseguinte, com a natureza que o cerca.

Ártemis, deusa grega dos riachos claros que brotam entre morros e montanhas e abrem espaço entre as matas, pode se revelar no Brasil como uma deusa indígena ou como Oxum, orixá afro-brasileiro portador da mais limpa beleza e feminilidade.

Essas mães d'água sempre nos aproximaram da valorização da água pura. “Mesmo nas grandes cidades da antigüidade podia-se beber água da fonte, trazida das montanhas, e jamais ocorreria a qualquer legislador instituir leis para preservar a sagrada pureza das águas”. Ginette Paris

O distanciamento do ser humano de seus valores simbólicos, em sua jornada civilizatória, acaba por desprezar a sacralidade da água pura, a tal ponto que permitimos que a irresponsabilidade de algumas fábricas de produtos tóxicos, despejem toneladas de seus dejetos em nossos rios, a despeito de seus danos evidentes.

Ao degradar a qualidade da água em nossas cidades, aldeias e lares, perdemos algo mais fundamental que os valores sanitários. Não vemos mais a água, não a ouvimos mais, não conhecemos seu verdadeiro gosto. O que temos é a água morta, um bem de consumo que jamais matará a sede daqueles que realmente gostam do sabor da água, de seu som e de sua aparência.

Vi, no tempo de antigamente, uns índios conversando com o rio. Vi umas mulheres sonhando com as roupas torcidas enquanto os panos de rio dormiam com o sol. E ainda ontem vi crianças que se viam na água com um barco de papel na testa. Mas esse jeito de ver o rio como esgoto, isso não serve de base, é uma espécie de

cegueira que leva pra longe a sujeira escorrida, sem lembrar que o rio que leva é o mesmo rio que trás.

Velha do Cerrado, Brasília, 03 de março de 2004.

A busca pelo verdadeiro valor da água dos rios nos faz refletir sobre a água que corre em nossas veias. A água de fora é a água de dentro. Grande parte de nosso corpo é água. Identificar-se com a natureza é o único caminho para fortalecer o respeito e a real valorização de seus elementos.

Eu fico pensano assim no que que a gente ensina pra esses menino... Que a terra ensina pros fim dela de como que faz pra buscá água no fundo e se espichá na raiz, engossano a casca, entortano as galha igual menino novo se entorta todo e espicha a boca e os olho pra pegá o leite...

Enquanto um senhor de bigode compra tudo quanto pode, pode a terra, pode o parque, pode a água, tudo pode, pode a praia, pode o rio, e os cílios da mata, pode, pode a caverna e o tempo, pode a noite, pode o vale, tudo vale...

Enquanto o homem de bigode bota preço e soma a conta, o filho do João-ninguém conta o caso pro vizinho que Chico de Toinho se perdeu pra traficar, e comprou um 38, que era tudo que podia.

E quando o senhor morrer, seja de velho ou num assalto, vai deixá de herança para o filho o mundo todo apreçado.

Tem que pensar no filho além do sangue, na liberdade.

Num tanto de rocha para ele conversar.

Nos pássaros variado, e bichos do mato, e mato e cupim e macaco.

No monte de monte para ele subir.

Nas cavernas para ele ficar sozinho. E rios e desertos e vales e mangues cochichando com o mar... Quantas gerações de homem vão ser livres para ouvir a terra?

As máquina de lavar é que calcula o bem estar. Quanto vale um rio inteiro e as águas desse lugar? O tempo de estar... Quanto vale? Deixa estar.

Uma cachoeira barrada para esquentar o motor da geladeira, do freezer, do frigobar.

Quanto vale para um peixe o mundo do bem estar?

O caminho traçado no chão é a herança que uma mãe, redonda de menino e terra, pode deixar para um filho, o jeito do pensamento, o modo de calcular.

Um homem parado no tempo herdou os olho de peixe morto.

A mulher do cotovelo na mesa e a mão segurando o queijo, herdou os olho de peixe morto.

O menino que passou a vida sentado para não pensar, herdou os olho de peixe morto.

Era melhor ter encarado a piracema e ter deixado os filho herdar o caminho rio acima, mesmo que contra a corrente, para poder pensar em gostá do rio e da chuva, gostá dos encontro das águas... gostá de fazer música com o vento... gostá de imaginar porque a árvore é barriguda, para onde as chuvas fogem, e como é possível o mundo todo caber dentro dos olhos.

Velha do Cerrado, junho de 2004.

4. O PAPEL DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS NA ELABORAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

A partir do diálogo entre Estado e sociedade civil pode-se observar e analisar a organização social através dos tempos.

A utilização de modelos de administração pública importados de outros contextos, não importando quão sofisticados são, é questionável. A organização política deve estar associada ao ambiente ao qual ela se apóia.

A administração pública e os padrões de estabelecimento dessas políticas desenvolvem-se de forma particular em cada país. As reformas administrativas têm limites culturais, e por isso a adoção de fórmulas novas importadas de outros Estados não é necessariamente a melhor solução.

Além disso, mudanças administrativas na política pública ocorrem de forma lenta e gradual, exigindo avaliações constantes e contribuições de peritos científicos e administrativos, embasados em pesquisas científicas realizadas periodicamente no local onde são implantadas.

Para nossa reflexão, é particularmente importante destacar as condições históricas, sociais, políticas e econômicas específicas de uma sociedade.

“Nas sociedades periféricas e semiperiféricas (como a nossa) caracterizadas por uma sociedade civil fraca, pouco organizada e pouco autônoma, é politicamente perigoso por em causa a distinção Estado/sociedade civil.”

Santos, Boaventura de Sousa (2003). Portugal.

É importante verificar a formação da sociedade sobre a qual se deseja refletir, para que se possa compreender as diversas facetas culturais e os diferentes valores que a compõem.

Existem diferenças marcantes entre as colônias espanholas e portuguesas da América Latina, que advém das relações entre a cultura local pré-existente e a cultura introduzida pelos colonizadores. Em determinadas colônias espanholas têm-se líderes ameríndios, as universidades foram criadas tão logo a colonização iniciou, enquanto no Brasil a primeira Universidade veio ser fundada somente no séc. XVIII, quando a língua portuguesa se firmou. Líderes portugueses imprimiam sua cultura, impondo valores, conceitos sociais e organização política distintos da realidade sócio-cultural aqui presentes antes da chegada dos colonizadores. Ainda hoje se percebe dificuldade em aceitar a cultura popular inserida no ensino acadêmico.

Assim, o que se observou durante décadas no Brasil foi um processo crescente de “extermínio” da civilização local pré-existente e a imposição de uma nova cultura. O Estado brasileiro tomou a cultura de seus colonizadores como base de sua formação, desconsiderando a cultura local aqui presente.

Além dessa imposição de costumes e valores, e devido à grande extensão de nosso território, pode-se observar ainda hoje em nosso país a existência de regiões onde predominam relações pré-capitalistas, mercantilistas ou de escambo, configurando um cenário político complexo no que diz respeito à relação sociedade civil/Estado e da participação das comunidades tradicionais na elaboração e efetivação das políticas públicas.

Entretanto, a partir da última Constituição de 1988, observa-se uma nova configuração do Estado Brasileiro. As ações começam gradativamente a serem elaboradas localmente, a partir dos municípios, alterando a função da unidade federativa. Inicia-se aí, ainda que de forma conceitual, a valorização da descentralização das ações, e o espaço de execução e de repercussão das ações do Estado passam a ocorrer localmente e não em âmbito federal ou estadual. Nesse sentido as ações de governo passam a ser melhores executadas e compartilhadas pelos indivíduos.

A união repassa recursos diretamente aos municípios, porém ainda desconsiderando as peculiaridades e interesses da população local, diferenças marcantes e suas demandas específicas.

Outro fator que merece ser mencionado na implementação das políticas públicas em nosso país é a descontinuidade de projetos e ações. O que se observa é que as políticas públicas brasileiras quase sempre se restringem ao período de atuação de um mandato, sendo planejadas para a obtenção de resultados rápidos e desprezando dados sócio-culturais e diagnósticos mais elaborados relativos às necessidades locais, que seguem constantes apesar da alternância dos governantes.

O rio segue sempre seu caminho, o povo que o margeia aprofunda suas raízes como as matas ciliares e a cada mandato uma idéia inovadora surge, vinda de depois dos vales, a montante ou a jusante, sem maiores compromissos com as raízes daquele lugar, como se essa fosse a primeira vez que idéias exóticas, rabo amarelo, rabo preso, bico miúdo, bico calado, pousasse naquela paisagem.

Com o fim desse mesmo mandato e a chegada de novas idéias, muitas políticas iniciadas são encerradas antes mesmo de obter resultados, dificultando ainda mais a relação e o diálogo entre a sociedade civil e o Estado, o nativo e o exótico, ampliando a desconfiança e o desrespeito de um para com o outro.

Assim, o que se tem observado é a criação de formas livres de organização social que visam suprir a ausência do Estado. Por outro lado, esse mesmo Estado, desacreditado, acomoda-se com a situação, desculpando-se por sua burocracia desmedida e pela falta de iniciativa, delega funções que seriam suas àqueles que se organizam de forma não-governamental para solucionar problemas próprios.

A sociedade civil reemerge como um fenômeno complexo, com seus movimentos ecológicos, pacifistas, feministas, exigindo reajustes estruturais nas funções do Estado, que ainda hoje atua de forma autoritária em relação a determinados setores e de forma mais diligente no atendimento das exigências econômicas da acumulação de capital.

Atualmente, as formas livres de organização social, como Organizações Não-Governamentais, têm buscado soluções para problemáticas específicas. A nova estrutura de agricultura familiar ou mesmo as comunidades formadoras de “Eco-vilas”, criam estratégias para não depender da organização governamental, apostando na postura de uma comunidade participativa que intervém no consumo, na economia e na própria formação social.

O que se conclui é que políticas públicas locais, que estimulam a participação da população, e conseqüentemente favorecem sua articulação, contribuem para o desenvolvimento de uma consciência social que luta por seus direitos, e assim, pela funcionalidade e eficiência das próprias ações governamentais.

Ali mesmo onde tem barro, o João, de Barro ou não, se aproveita pra fazer uma casinha fresca, sem telhas de amianto, para ele poder descansar. E as novas tecnologias, as pesquisas científicas, contribuem para o planejamento das ações, sabendo-se que ali vive o João de Lara, que sabe bem do calor que faz por lá.

Tais contribuições podem ser geradas a partir do estudo de fatores do ambiente cultural, da diversidade étnica e religiosa e da análise sistemática das próprias ações governamentais.

Para tanto, faz-se necessário o desenvolvimento contínuo de pesquisas que considerem as opiniões e valores das comunidades locais, bem como que busquem conhecimentos técnicos variados, no sentido de serem realizados de forma ampla e transdisciplinar.

Com o passar dos tempos os países democráticos acabam por se tornar cada vez mais cientes da contribuição da pesquisa científica sistemática associada ao conhecimento tradicional, para o planejamento, análise e implementação de políticas públicas específicas que possam promover seu avanço.

É certo que tais reflexões e análises devem ser aprofundadas. De qualquer modo, o que se busca aqui é a oportunidade de se questionar o desenvolvimento e a relação entre o Estado e a sociedade civil, bem como as contribuições da cultura local para essa relação.

As coisas não são coisa nenhuma

As coisas são as pessoas por trás das coisas

As coisas e as instituições são as pessoas por trás das coisas

As coisas não têm coração

As pessoas são os olhos das instituições

As pessoas têm os pés, as pernas que encaminham as coisas.

Você tem pés próprios?

Você tem olhos próprios?

Ou se esconde atrás das coisas?

Ou se esconde, acomodado, como baratas mortas, nas instituições?

Você tem coração e idéias?

As pessoas é que levam as coisas, e não o contrário.

Os líderes é que levam as instituições, as coisas e a comunidade.

Os líderes têm olhos grandes e coração humilde.

E são os líderes que têm uma dívida com a comunidade, e não o contrário

*Os líderes que têm uma dívida com o universo, com a humanidade e com
seus ancestrais.*

Olhos grandes para ver longe.

Coração humilde para aceitar sua condição de liderança.

As coisas são as pessoas por trás das coisas

As coisas sem idéias não são coisa nenhuma.

Velha do Cerrado, Brasília, 22 de setembro de 2005.

PARTE II – EXPERIMENTO

9. ELEMENTOS VIVOS, RECURSOS MORTOS

A psicologia arquetípica, conforme James Hillman a denomina, vai além da pesquisa clínica, estendendo-se à cultura e à imaginação.

É uma psicologia arquetípica, é uma psicologia deliberadamente ligada às artes, à cultura, é a história das idéias, na forma como elas florescem da imaginação. O termo “arquetípico”, em oposição a “analítico”, referência comum utilizada para a psicologia junguiana, foi preferido não só porque reflete a “profundidade teórica dos últimos trabalhos de Jung ... foi preferido principalmente porque “arquetipo” pertence a toda a cultura, a todas as formas de atividade humana.

Hillman, James (1983). Psicologia Arquetípica. Cultrix.

Assim, a personagem *Velha do Cerrado*, pode representar uma personagem arquetípica, pois assume a imagem universal de uma figura mítica. Através dessa imagem arquetípica dialoga-se com a alma imaginativa, abrindo as questões da existência pessoal a uma reflexão transpessoal.

Para isso, faz-se necessário estar presente no transpessoal, estar onde não se está. O universo poético torna-se então um espaço de encontros universais, de onde tudo nasce em brotos, cresce em bases e torna-se um local de eternos retornos, onde imagens alimentam reflexões, símbolos estabelecem emoções, e não um espaço vazio.

Este espaço universal é uma abertura para misturas pessoais, uma continuação do espaço interior do ser humano, que está dentro e fora de si mesmo.

O ser é sucessivamente condensação que se dispersa explodindo e dispersão que reflui para um centro. O exterior e o interior são ambos íntimos; estão sempre prontos a inverter-se, a trocar sua hostilidade.

Bachelard, Gaston (1989).

Assim, pode-se imaginar que o vento trás notícias de longe, que a voz também é vento e ecoa, que o rio trabalha as pedras que cria, que as mães criam filhos universos e seus filhos criam estórias. E é por isso que de vez em quando a *Velha do Cerrado* nos entorta o pensamento com essas letras itálicas.

*O Cerrado é entortado.
Assim meio fora de esquadro
Parece que cresce num rumo
E resolve mudar de lado
E tem um jeito, um cheiro,
Um som que é do cerrado
De um barulhinho comprido,
Dos bichinhos falando de lado antes de ir dormir.
Do vento mexendo com as folhas,
Do rio, que vem fininho, de repente fica alargado.
O Cerrado é entortado.
E tem o povo que beira,
Que beira de todo lado, um povo do pé rachado
Dos pensamento nascente que nem árvore do cerrado
Parece que cresce num rumo
E resolve mudar de lado
Um povo meio entortado
Que sabe o de cumê, o de curar e o de benzer
Que sabe o da viola, sem nunca ter ido pra escola
É um povo que faz questão de fincar o pé no chão,
E olhar bem pro cerrado,
Que é pra ninguém esquecer
Como é bom ser entortado.*

Velha do Cerrado, Brasília, 02 de abril de 2005.

Aí está uma proposta para a Sustentabilidade Cultural dos povos do Cerrado. Ouvir suas estórias e espalhar suas profecias. O conceito de Sustentabilidade Cultural utilizado por *Saches, Ignacy (2000), Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável. Garamond*, nos indica uma outra dimensão da palavra sustentabilidade, onde o caráter sócio-cultural destaca-se como a própria finalidade do desenvolvimento.

Um dos caminhos para o desenvolvimento dessa sustentabilidade cultural, onde a tradição é respeitada e a inovação evoca a autoconfiança social, é o despertar para a capacidade popular de criar formas próprias de autoconhecimento e propostas autônomas independentes de modelos importados de desenvolvimento.

Se é possível observar a relação desses povos do Cerrado, representados aqui por velhas mulheres matriarcas, com a natureza que as envolve, é possível escutar suas mensagens a respeito do vínculo sagrado com os elementos naturais.

Enquanto a Velha do Cerrado dança e resmunga, fala de coisas futuras, em tom profético, são distribuídas sementes. Sementes que contêm a possibilidade de árvores, de novos frutos futuros, de esperança e sonho. Vêm de longe as sementes que se espalham com o vento, vêm de mãos velhas as sementes que ligam o passado ao futuro, o individual ao coletivo.

Coloca a semente na cabeça menino, que é pra ver se pensa melhor. Coloca a semente nas idéias, pra quando chover, de repente, chuva fina ou chuva grossa, você ter idéia boa, menino. Entre os dois olhos de ver, tem o olho de espiar. Bota nele essa semente, menino, que é pra chuva não perdê viagem, quando cair na sua cabeça.

Velha do Cerrado, Brasília, 07 de fevereiro de 2006.

A compreensão da Psique Orgânica pode ser ilustrada pela metáfora da semente, uma imagem que aparece nas mitologias e filosofias de muitos povos.

O processo de crescimento a partir de uma semente é um movimento determinado pelas experiências passadas de

um indivíduo, pelo objetivo teleológico inato de cada espécie. As sementes carregam as potencialidades de desenvolvimento para cada espécie, e portanto, para cada indivíduo.

Ira Progoff, *Sonho Desperto e Mito Vivo*, 181 (2001) – do livro: *Mitos, Sonhos e Religião* – Campbell, Joseph

Uma ponte muito fina, tão fina como um fio de cabelo, liga os conceitos de “recursos naturais” e “elementos naturais”.

Sob a ponte, um rio muito escuro leva notícias ruins. De um lado e de outro os meninos estão. Sobre a ponte estão você ou eu ou quem queira descobrir a diferença entre os dois lados do pensamento.

Os elementos naturais vivem. Falam, resmungam, observam. Transformam-se. Os recursos naturais enlatados para o comércio estão mortos, sem alma, sem gente por dentro deles ou por eles. Um diálogo pode ser estabelecido com os elementos naturais. Com os recursos, um monólogo estabelece valores. Às vezes, pode parecer melhor não ouvir, mas o monólogo trás solidão.

Velha do Cerrado, Correntina, 24 de setembro de 2005.

10. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PESQUISA-AÇÃO

Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

(art.1º, Lei Federal nº 9.795, de 27/4/99)

A própria pesquisa de campo pode ser considerada uma prática de Educação Ambiental, pois além de promover a elaboração de um discurso teórico, permite a

compreensão do outro como parte do eu-pesquisador. Desvelar a semelhança entre a comunidade e o pesquisador, para desenvolver a partir daí uma pesquisa-ação conjunta, é em si uma prática de Educação.

Então, afinal, o que é Educação Ambiental? Para Morin é também *uma forma de ensinar a compreender*. Mais ainda, de aprender a compreender. Compreender a si mesmo, buscando no outro suas infinitas formas de ver o que se tem em volta, Suas variadas formas de se relacionar com o meio que os envolve.

A aplicação de um discurso teórico elaborado individualmente pelo pesquisador sem a participação da comunidade pode descaracterizar a Educação Ambiental no que diz respeito à sua ação prática social, que visa o desenvolvimento sócio-cultural a partir da valorização de conceitos e práticas tradicionais.

De acordo com o conceito de educação ambiental definido pela comissão interministerial na preparação da ECO-92:

" A educação ambiental se caracteriza por incorporar as dimensões sócio-econômica, política, cultural e histórica, não podendo se basear em pautas rígidas e de aplicação universal, devendo considerar as condições e estágios de cada país, região e comunidade, sob uma perspectiva histórica. Assim sendo, a Educação Ambiental deve permitir a compreensão da natureza complexa do meio ambiente e interpretar a interdependência entre os diversos elementos que conformam o ambiente, com vistas a utilizar racionalmente os recursos do meio na satisfação material e espiritual da sociedade, no presente e no futuro." (in Leão & Silva,1995).

Para isso, torna-se necessário que o pesquisador esteja aberto em relação às respostas que ele busca, compreendendo que o conhecimento tradicional e os valores sócio-culturais podem elucidar algumas questões, e encontram-se na própria comunidade, semeados e regados por diversas gerações. Assim, o que se pretendeu a partir da Educação Ambiental realizada no decorrer da pesquisa de campo, foi a sensibilização para o resgate desses valores comuns ao pesquisador e a seus informantes.

A Educação Ambiental ocorreu de tal forma dissolvida no decorrer da pesquisa de campo, que passou despercebida, como nos tempos de antigamente onde o amor pela Terra, o aprendizado com os mais velhos, a comunhão com os deuses, a arte, tudo isso ocorria naturalmente, cotidianamente.

Pesquisadores-educadores retornam da pesquisa-ação mais plenos de sentimentos e mais cheios também de questionamentos que fertilizam a pesquisa. Quem terá sido o facilitador? Quem ensinou? Quem aprendeu? Onde se encontram os sinais? O que cura, a folha ou a fé? Somos nós próprios que construímos nossos mitos, nossos deuses? Ou estivemos mesmo em contato com eles e nos foi desvendado um segredo? O que é real, o que é abstrato? Essas letras, aqueles frutos, o teatro, as revelações, tudo incentiva a pesquisa, tudo educa.

11. A EFICIÊNCIA DO MÉTODO DE EXPERIMENTO CÊNICO ENQUANTO MEIO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CONSERVAÇÃO DO CERRADO

Dentre as formas de organização social que se empenham por uma nova possibilidade de comunicação social na busca pelo desenvolvimento sustentável, ressalta-se três grandes forças: As redes solidárias virtuais, com sua possibilidade de comunicação mundializada, que utilizam a tecnologia e a informática para sua formação; a força íntima humana de se comunicar com a natureza, utilizando o lado direito do cérebro ou a inteligência do coração e da alma a partir da arte, da entrega e do desenvolvimento da sensibilidade e da intuição; e por fim a Educação Ambiental, que, em sua essência visa a formação de um sujeito ambiental e, por conseguinte, de uma cidadania ambiental.

Essas três formas de organização social e/ou individual têm em comum os mesmos questionamentos que traduzem a infindável reflexão existencial humana: O que pretendemos com a vida? O que pretendemos para a vida? Qual seu intuito? Qual seu valor? Onde inicia um indivíduo? Qual sua herança universal?

Como um fractal, o homem faz parte da natureza, sendo uma célula que contém a totalidade do universo natural e que colabora para sua formação global. A divisão entre a natureza, a cultura e o divino separa ainda mais o homem de seu universo. Quando o ser humano organiza e domina seu universo cultural ele coloca a natureza e o divino em seu campo de utilidade para o desenvolvimento, restringindo a natureza a seus recursos naturais e o divino a deuses e religiões.

O educador deve estar aberto à suas intuições e ao diálogo com a natureza e o sagrado. Enquanto facilitador, ele deve promover a sensibilização do indivíduo para seu autoconhecimento, ou seja, para a descoberta de seu próprio fractal, de seu lugar na natureza e do lugar da natureza em seu universo interior.

A arte da interpretação, seja a interpretação realista proposta por Constantin Stalislávsk, seja a forma do fazer teatral sugerida pelo PanTheatre, por exemplo, busca a sensibilização do indivíduo a partir do encontro consigo mesmo, com seus animais ancestrais, com a personificação do divino e assim o inevitável respeito à mãe natureza.

“A superstição é a ecologia da imaginação”. Enrique Pardo.

Ao utilizar o teatro como instrumento de educação ambiental, buscou-se possibilitar a reflexão sobre esses questionamentos intrínsecos à existência humana, optando pela realização da educação ambiental por meio da arte.

O desenvolvimento do trabalho cênico aqui proposto, a partir do universo mítico que permeia o Cerrado tem resultado na valorização da diversidade biológica e cultural presentes nesse ecossistema. Tais resultados podem ser comprovados a partir de depoimentos coletados no decorrer das apresentações cênicas, que vão, de forma gradativa, sendo incorporados ao discurso da Velha do Cerrado.

Evocando conhecimentos ancestrais, a partir da utilização da música, da poesia e da dança, os povos do Cerrado podem se compreender enquanto preservadores dos valores culturais e dos elementos naturais que o cercam.

Esta percepção do papel do ser humano na preservação ambiental é, portanto, desenvolvida a partir de seu autoconhecimento e de suas referências

personais íntimas, o que resulta em um comprometimento com as questões relativas à preservação ambiental e cultural muito mais profundo que aquele que poderia ser imposto a partir da imposição de normas, regras, leis e conhecimentos acadêmicos aplicados.

12. A ARTE COMO FORMA DE SENSIBILIZAÇÃO.

A criação de um personagem teatral arquetípico presente no inconsciente coletivo de determinados povos do Cerrado foi, portanto, a opção eleita como ponto de partida na busca de esclarecimentos referentes à relação do homem com seu *habitat* e com seu universo mitológico.

Com base no convívio e em depoimentos que revelam o saber das velhas do Cerrado, conhecedoras dos caminhos apontados por estrelas, cientes do poder de cura das plantas, respeitadoras do tempo entre o desejo e sua concretização, cobertas de rugas e de esperança, foram criados os motes dos discursos proferidos pela personagem teatral que possibilitaram desvendar a relação dessas mulheres com suas referências ancestrais.

Juntas, *Velha do Cerrado* e velhas cerratenses, originaram um única mulher, habitante do inconsciente coletivo das comunidades onde a pesquisa foi realizada.

Assim, criaram em conjunto, dizeres repletos de improvisação e sabedoria comum, comungaram palavras e canções, iluminaram os corações de quem ia pela estrada e curaram ansiedades dos curiosos. Misturaram duas plantas, cada qual de cada senhora, à água fervida pelos filhos. E puderam fazer um único chá, tomados por todos em comunhão.

Teve quem disse que a história do homem na terra estava contida naquela infusão, a depender da erva da terra, das mãos que preparam a mistura e da imaginação de quem bebia o chá.

A fé brotou em tantos olhos que estes se multiplicaram em outros e outros e o boato que corria é que ali havia estado mesmo uma santa, mãe da comunidade. A

esperança de um mundo melhor, a esperança da revolução, a esperança que transforma a vida no que se queira, que transforma as velhas no que se creia, transformou o chá em cura e estabeleceu o vínculo entre a Terra e os homens da Terra.

A pesquisa educa o pesquisador. A investigação ocorre internamente. O que se busca já se tem. O que se crê já está presente.

A pesquisa é um exercício de espelhos. Espelha-se o rosto nos olhos de quem vê. Espelha-se o corpo, as rugas, espelha-se a pele nas cascas de árvores, na terra rachada do chão. Espelham-se as histórias de vida, de muitas vidas reais ou imaginárias. Espelham-se os pés em raízes. E o rio, que corre entre os povos e espalha-se fininho por tantas histórias, têm nele tudo espelhado.

A pesquisa de campo não deve reduzir-se à elaboração/experimentação de métodos e técnicas de educação, restringindo sua função à aplicação de determinado conhecimento individual, mas promover a troca de conhecimentos, de experiências ou de intuições. Essa troca permite a reunião de almas e suas transformações, revelando desejos e sonhos comuns.

O elemento de impulso à pesquisa encontra-se na curiosidade, antes de desenvolver-se a partir da necessidade de comprovação de uma hipótese. A hipótese é simplesmente um fruto; o que importa, sobretudo, é a fome. Pode ser que esteja o fruto esperando a colheita, pode ser que esteja verde, pode ser cheio de suco, amargo, doce, suave. A hipótese se cria, se inventa, se adapta, de acordo com o que queira seu autor, mas se a pesquisa é de campo, é provável que promova o encontro de diversos outros frutos e fomes. Inventar uma hipótese e provar todos os frutos do campo, aproximar os frutos e as formas diversas de fome, espelhar a esperança, confundir-se com as hipóteses e o próprio campo, trazer para casa e mostrar na escola todo o campo, isso provoca fome. E a curiosidade gera novas pesquisas. Catálogos de frutos. Frutos futuros. Durante a pesquisa colhe-se Educação Ambiental.

13. A ARTE COMO POSSIBILIDADE DE RELIGAÇÃO ENTRE O SAGRADO E PROFANO

...é preciso [...] considerar a arte como um dos mais rigorosos instrumentos de conhecimento, que muitas vezes, por via de manifestação sintética verbal, sonora ou plástica, consegue expressar facetas interiores e exteriores do humano que são dificilmente enfrentadas pelos atuais instrumentos da ciência. Por detrás de toda descoberta científica há um pano de fundo da poesia ou da música.

Aguiar, Roberto, 2000:184

A arte é uma das formas de diálogo do homem com a sociedade na qual se insere. Ao longo dos tempos, muitos são os exemplos de artistas que expressaram desejos e anseios da própria sociedade, como se fossem uma espécie de antena de captação do infundável diálogo do homem com o meio que o acolhe, do homem consigo mesmo. A expressão artística é então, uma forma de concretização do mistério. Na poesia, na música, nas artes plásticas, na expressão corporal, na dança, estão presentes as raízes naturais e culturais de um povo. A arte permite ao homem ser ao mesmo tempo criador e criatura, fundindo sua existência com a existência de sua arte. E a arte tem também sua própria trajetória, existe e está sujeita a ser modificada a partir de cada olhar público. O olhar modifica a arte e a arte transforma o olhar. Assim, dá-se a reconexão entre o sagrado e o profano, entre o real e o abstrato. A partir da arte, dá-se a profecia.

O sagrado será profano. O mundo da encantaria virá a terra por seus cavalos². Deuses e deusas encantados atuarão sobre nós. Escute. Escute com o coração, o pedaço de terra que nos religa. Atente-se. A despreensão é o caminho para o nada. Contemple. Esteja presente enquanto observa. A curiosidade

² Cavalos: Denominação utilizada em determinados cultos afro-brasileiros para designar aqueles que recebem entidades encantadas. Veículos.

desenvolve a sabedoria. Esteja em tudo quanto vê. Imagine. Imagine que o olhar ilumina a montanha. Imagine que a montanha liga-se ao céu. Sinta o tempo correr ao contrário. O antepassado no presente. Cante. A voz permite voar. A arte encanta.

Se o homem perde o encanto, verá o rio como matéria prima e venderá o rio. Se o homem vender o rio como se fosse água, outra sede virá para transformá-lo em coisa. Então, seu valor poderá ser calculado e pago.

Preservar a intuição humana é preservar a natureza humana. Desenvolver essa habilidade é função solidária. Premonição é um pássaro que corta o homem ao meio sem ficar preso às suas costelas. Assim, o pássaro segue cheio de homem no bico, o homem leva consigo o pássaro e todo seu conhecimento. O pássaro semeará o homem pelo espaço, o homem não venderá seu canto em gaiolas, por pura premonição.

Velha do Cerrado, Brasília, 17 de maio de 2005.

Durante as pesquisas de campo, muitas mulheres bem velhas falaram sobre um diálogo qualquer com a natureza, e naturais são os pássaros, o espaço existente entre duas nuvens, a mandioca, o rio, as comadres que já haviam morrido, a árvore que beira a casa, as crianças da vila, os santos da igreja, tudo em volta, que se sente. A gestão desse ambiente é geralmente feita por mulheres, que ensinam canções reveladas por esses entes naturais. Muitas dessas canções foram encontradas em povoados distintos da região, os chamados “pontos”. São, segundo quem os entoam, canções sagradas, recebidas por elas em seu tempo de receber.

“Quando vêm, é a hora de cantar, aí a gente diz o que é pra ser dito. Mas só na hora que escuta é que entra na cabeça e canta.”

Maria de Lara, Correntina, BA.

A arte, aí, não tem lugar próprio. É regida por atos cotidianos. Ao mesmo tempo em que se fala, se canta e compõe. Ao mesmo tempo em que se observa a ema,

imita-se a ela e interpreta suas emoções. As índias fazem do corpo uma tela e dos instrumentos de caça um objeto belo. Para isso, inspiram-se na natureza.

Dá-se aí a arte, despreziosa e viva, renovando-se a cada geração e mantendo-se como um ensinamento aos filhos que possuem talento. A arte que religa a terra ao céu, religa o homem aos elementos naturais, dá-se na rua, nos quintais, nos terreiros atrás das casas, dispensando igrejas, museus, teatros e jornais.

Além disso, a arte é brincada nas cirandas de roda e nas brincadeiras infantis onde as mangas pequenas que caem antes do tempo se transformam em bois, cavalos e cabritos. As formigas ficam horas na fila pra ver o que tem dentro do buraco, umas batem nas outras e mudam de direção como se o importante fosse simplesmente ir em frente e assim, muitos meninos ficam de cócoras, com seus pauzinhos de árvore bagunçando a ordem. A arte também se dá pela necessidade de perturbar o ambiente.

Diálogo

A água mostra o equilíbrio quando dialoga com a terra.

A natureza criou-se por si só.

O vento acostumou com a água, a terra assentou-se com o tempo.

E não houve imposição alguma

Não houve uma força única

Não houve uma única regra,

Não houve um único deus.

Tudo se ouvia.

E as cores foram iluminadas

E muitas noites se passaram até que cada camada do universo decantasse.

E o movimento nunca cessou

E até hoje a natureza comunica-se.

Velha do Cerrado, agosto de 2004

14. A ARTE POPULAR E A TRANSDISCIPLINARIDADE

“Por trabalhar o indivíduo de maneira multidimensional e, portanto, complexa³, a arte não fragmenta o conhecimento. Pelo contrário, a arte é uma experiência integradora, pois passa sentidos e percepções que a razão não é capaz de registrar. Quando o sujeito amplia e desenvolve sua capacidade sensível, ele está complexificando sua percepção e geração de conhecimento”.

Dulce Schunck

A linguagem artística, portanto, amplia e complementa o pensamento científico, gerando conhecimento a partir da sensibilização dos sentidos e do desenvolvimento de um olhar crítico diante da realidade. Buscar as expressões artísticas populares significa investigar a essência humana em uma de suas formas de manifestações mais amplas e profundas, que abrange desde suas ligações individuais com o meio que o cerca, até suas expressões coletivas e transpessoais.

Se as áreas do conhecimento podem ser tidas como ciências específicas, passivas de análises recortadas, a arte é uma colagem intuitiva dessas diversas formas de observar e compreender o mundo.

Se as áreas de atuação humana podem ser exploradas em fragmentos, a arte é capaz de tratá-las, ainda que por meio da crítica, de uma maneira unificada, já que as têm representado através dos tempos, a partir de elementos simbólicos e das mais variadas formas e intensidades.

“A linguagem artística é um atalho, que continua disponível para o homem. Esse caminho não é aleatório, mas baseia-se numa experiência universal e transpessoal.

³ Segundo Edgar Morin, complexidade corresponde à percepção do mundo enquanto organismo vivo resultante de relações, interconexões, interdependências e intercâmbios, numa visão global de mundo e natureza, em meio à qual o homem é parte decisiva.

Já foi percorrido inúmeras vezes, em todos os tempos. Faz parte da história da humanidade. Tem deixado registros por toda parte. A linguagem artística tem potencial para trabalhar de forma integrada as dimensões, criando pontes de ligação na grande rede da sustentabilidade”.

Dulce Schunck

Melhor ainda seria se nem mesmo a arte fosse separada das demais atividades humanas. Um índio, antes de caçar, se pintaria. Uma mulher se pintaria antes de dar a luz. Rituais inteiros seriam capazes de evocar a dança e a música. Não existiria espaço para museus e mostras artísticas, uma representação cênica não teria início ou fim, ultrapassaria noites e dias, conforme se quisesse. As leis fundamentais seriam sacralizadas no decorrer do desenvolvimento individual. As políticas públicas se definiriam pelas comunidades e o bom senso prevaleceria à linguagem escrita. A educação seria sempre ambiental e o desenvolvimento, sustentável por natureza. Utopia, outra liberdade artística, mas a realidade descrita pode ainda hoje ser observada em diversas comunidades consideradas primitivas pela lógica da linearidade temporal.

15. A COMPOSIÇÃO DA PERSONAGEM “VELHA DO CERRADO”

Parte da construção da personagem foi desenvolvida durante a pesquisa de campo, quando o corpo da atriz esvaziou-se de gestos, preparando-se para uma nova forma de estar presente.

Corpos e mentes abertos, pés fincados no chão. Os pés são talvez raízes, sua forma não se limita ao chão. Uma velha árvore poderá se expressar entre os dedos. As linhas das mãos, possíveis caminhos. Por eles, algumas onças passaram deixando as pegadas e o olhar, espécies variadas de roedores cederam seu olfato à atriz, e por meio dele se estabelece o contato com as árvores mais distantes. Nos caminhos das

mãos da Velha, foram gravadas suas vidas antigas, vidas do tempo em que o antigamente era o início de qualquer estória.

Os joelhos só se moveram num segundo momento, depois dos pés bem fincados na terra, tão fincados que estavam livres dela, e podiam pisar sem triscar no chão. No momento em que os joelhos iniciaram seus primeiros movimentos foi importante pedir licença ao tatu, por ser esse o animal das articulações inferiores, segundo os índios Kaiapó, que conheciam bem os joelhos e os tatus. O tatu é o animal capaz de animar os primeiros movimentos do joelho, dando a direção do andar e a flexibilidade das articulações.

Ainda que de forma inexplicável, essa imagem auxiliou a construção da personagem, sua forma de articular-se e de seguir andando.

Na representação do Nô, há três elementos básicos: Pele, Carne e Osso...Quando se trata de explicar os elementos da Pele, da Carne e do Osso em termos de Nô, o que pode ser descrito como Osso representa aquela força artística excepcional que o ator dotado mostra naturalmente na representação e que chega a ele por meio da sua habilidade inata. A Carne pode, sem dúvida, ser definida como o elemento visível numa representação que surge do poder das habilidades do ator obtidas pelo seu domínio das Duas Artes básicas de canto e dança. A Pele, por outro lado, pode ser explicada como uma maneira de sossego e beleza na representação, obtida quando os dois outros elementos são consumados inteiramente.

Zeami, mestre de teatro Nô

Assim, segui pensando nos troncos de árvores do Cerrado como continuação dos ossos da velha, feitos da mesma matéria, sintonizados no mesmo pulsar, rígidos ou frágeis a depender das chuvas, mas sempre estruturais, como os elementos inatos.

Depois, os braços da Velha não se encerravam na ponta dos dedos, mas seguiam com a intenção do movimento até alcançar laaaaaaaaá longe. Como a voz que começa dentro e termina no invisível, ultrapassando paredes e abismos atingindo um lugar específico.

A pele da Velha, por ser a Velha do Cerrado, sempre me pareceu grossa e leve. Existia ali para conter o choro colhido das chuvas e que seria necessário para resistir ao tempo de seca, quando não se chora à toa.

E a voz velha da Velha. Veio nela a eternidade, a oralidade ancestral, os ensinamentos, as formas de rir e chorar, seus acentos e a melodia, o espaço de silêncio entre as palavras, o timbre e os infinitos mundos por onde essa voz sobrevoa, a voz e as palavras da Velha são tão velhas que às vezes tenho a impressão de que existiam antes da Velha, antes de mim e dos homens, antes do pensamento. A voz foi criada coletivamente.

Assim, durante a pesquisa de campo e um trabalho de busca interior por uma Velha que pudesse representar o universo pesquisado, a personagem foi sendo construída, ocupando seu espaço, limitando-se, como a água entre as montanhas.

Em cada dedo da mão, um espécime. No pulso, todos os rios da terra, que, conforme a música, descem pelos olhos de quem os vê. Quando a mão se fecha em força é pra segurar o maracá, chocalho de tantas almas concentradas, que é capaz de evocar serpentes, aranhas, morcegos e todos os bichos da noite. Capaz de evocar a própria noite. Tudo se fecha e se abre, como um segredo.

Nos bolsos ela trás as três ervas. Planta lá algum tipo de reza. Reza lá algum tipo de planta. Por meio delas um texto inteirinho é relatado em silêncio. Há quem escuta, há quem duvida, há quem compreende, mas não sente, há quem sente mas não entende, há quem procura, há quem se esconde, há quem descobre. A todos esses, a cura.

Certas vezes, a personagem exigirá certa habilidade incomum, evocará os antepassados, chamando para si a presença do universo. Nesse estado de graça, surgem palavras improvisadas. Nada mais é pessoal, e a arte não tem autor. O ator será o veículo.

A cada representação o arquétipo se concretiza, firmando a identificação do público com a Velha. A Velha que poderia ser sua avó, a avó de sua avó, ou a própria mulher velha na qual se transformará. O passado e o futuro, presentes.

16. PESQUISA DE CAMPO: ONDE TUDO NASCE

A pesquisa de campo foi desenvolvida, conforme a metodologia eleita, de forma livre e aberta. Foram entrevistadas curandeiras e benzedoras, geralmente mulheres com mais de sessenta anos, que atualmente vivem no Cerrado, ou no entorno de cidades como Brasília - DF, Goiânia - GO e Correntina – BA.

O convívio com essas mulheres e o acompanhamento de sua vida cotidiana foi o ponto de partida para o desenvolvimento de uma real relação de confiança, fundamental para a realização desta pesquisa.

Determinadas atividades específicas revelavam o diálogo dessas senhoras com seu ambiente natural, orientando meu olhar para a maneira como essas mulheres utilizam a natureza como veículo de religião, *religare*, com o universo do sagrado.

Esta foi a prioridade do aprendizado durante a pesquisa de campo, investigar, nesse universo, o lugar que o ser humano ocupa em sua inter-relação com o habitat, a relação estabelecida pelos povos do Cerrado entre a natureza e Deus e, por fim, a religião das comunidades pesquisadas com o sagrado, por meio dessas mulheres representantes do arquétipo eleito para essa pesquisa.

Mesmo sabendo que determinadas técnicas do ato de benzer e de curar são de difícil registro, o que se pretendeu foi a interiorização dos movimentos corporais, das intenções das falas e do olhar encontrados no ato de curar e em outras ações a ele relacionadas, tais como o preparo das infusões e dos chás, a colheita das folhas e sua manipulação, etc. A personagem foi sendo construída a partir da imitação e do convívio com essas pessoas, em suas comunidades.

No morro do Urubu, próximo ao Varjão, cidade-satélite de Brasília foram entrevistadas duas mulheres, benzedoras, dotadas da capacidade de tirar o sereno da

cabeça, tirar quebranto e mau olhado, além de terem intimidade com determinadas plantas e raízes nativas e seus valores medicinais.

Em São Sebastião, outra cidade-satélite de Brasília, mora Dona Selma, benzedeira que criou seus filhos com a base religiosa cristã, mas que deixou para seus filhos uma forma própria de benzer e curar, sincretizando seus conhecimentos àqueles ensinados pela religião.

Maria de Lara é moradora de um povoado distante uma hora de estrada de chão de Correntina. Eu a conheci através de vídeos realizados pela equipe do Centro de Folclore do ITS -Instituto do Trópico Subúmido, da Universidade Católica de Goiás. Quando a visitei pela primeira vez, acompanhada de três pessoas do ITS, além do arqueólogo e professor Altair Salles Barbosa, eu estava caracterizada de *Velha do Cerrado* e o encontro com Maria de Lara se deu ainda na estrada.

Muitas pessoas da comunidade foram se aproximando, o cenário era de transição, entre a Caatinga e a Mata, muitos pássaros e bichos da Mata e bois e o Rio Corrente compunham a trilha sonora ao vivo, a apresentação durou uma tarde inteira e na quinta hora o céu se pintou de vermelho e tudo se pôs, até o sol, a estrada e a Velha.

17. APRESENTAÇÕES DA PERSONAGEM: QUANDO AS VELHAS SE ENCONTRAM

Em comunidades ou em Centros de Estudo e Pesquisa a personagem se apresentou para diferentes públicos, partindo da sensibilização, por meio da música instrumental, do canto e do teatro. Determinados movimentos de cura e do ato de benzer foram incorporados aos movimentos típicos da personagem e os textos interpretados foram inspirados em diálogos e receitas ocorridos durante a pesquisa de campo.

Durante as apresentações foram feitos registros fotográficos e videográficos, que puderam historiar as reações do público e a própria interpretação teatral. Estes registros também foram utilizados para o aprimoramento da construção da personagem.

Ainda como parte do experimento, foram colhidos depoimentos do público, tanto em forma de livre entrevista, quanto a partir da aplicação de questionários, que registram suas impressões. Esse retorno do público foi fundamental para a análise dos resultados obtidos com a interpretação teatral.

Assim, foram surgindo oportunidades de se observar as várias formas de reação do público, sua identificação e interação com a personagem representada.

Utilizando a arte como instrumento de sensibilização, pode ser observada uma maior facilidade de aproximação com a comunidade e com aquelas senhoras que inspiram a criação da personagem, construindo um diálogo onde a comunidade se sentia livre para expressar suas emoções, às vezes de respeito, de admiração, às vezes de medo ou de deboche, como mostrou também o resultado de entrevistas realizadas posteriormente no local da apresentação.

Essa busca da aproximação e identificação entre sujeito e objeto de pesquisa é que foi, no decorrer deste trabalho de investigação, compondo a personagem e as diferentes cenas que ela realiza, e subsidiando reflexões e questionamentos. Entretanto o que mais caracterizou as apresentações em comunidades foi a improvisação. Desde o tema abordado até as cenas criadas, as músicas e os contos, tudo pode ser improvisado. Um roteiro-guia é concebido a partir da identificação de alguns aspectos específicos da comunidade, seus dilemas e conflitos, suas confissões e momentos históricos. A partir daí, são criadas as situações, e o público interfere a qualquer momento, indicando o caminho a ser percorrido durante a apresentação cênica.

Após a apresentação ficam os burburinhos do vento e os cochichos do público. Permanecem naquelas comunidades a lembrança de uma “Velha Doida” ou da “Velha Santa que tinha o rio de sangue correndo de seus olhos” ou simplesmente

da “Velha das Latinhas”, conforme foi batizada a *Velha do Cerrado* por algumas pessoas que a viram ou ouviram dizer.

Esta lembrança, como se pôde observar nas viagens de retorno às comunidades, vai sendo aos poucos modificada, associada a outros elementos, reelaborada conforme as necessidades, sonhos e desejos daqueles que viram.

Os pés da *Velha do Cerrado* foram, por exemplo, muito mencionados em entrevistas posteriores, como “pés que estavam sempre limpos, mesmo pisando descalço em tanta poeira e coisa suja do chão.” Ou ainda “Ela era uma santinha que andava sem pisar no chão.” E tantos outros depoimento que auxiliaram na criação dessa personagem, que se torna cada vez mais próxima do universo mítico das comunidades onde esteve, permeando o inconsciente coletivo daqueles povos do Cerrado.

Foram registrados em vídeo e fotografia a aparição da *Velha do Cerrado* na comunidade onde Maria de Lara, moradora da região, a levou para a beira do Rio das Almas e de cima de uma pedra na beira do rio, as duas Velhas do Cerrado contaram para mais de cem pessoas coisas sobre o que está depois da ponte fina e antes da chegada dos homens naquele lugar, como foi revelado o local onde se encontra a lama que cura, dentro do rio, e como um chá deve ser preparado e compartilhado com toda a comunidade.

O encontro entre a *Velha do Cerrado* e Maria de Lara, em Correntina - BA, deu-se no cemitério.

Uma árvore muito grande cobria de sombra a extensão. Paramos o carro para que fosse possível colocar os últimos acessórios de latas e canecas de lata, pequenos trambolhos e utilidades que cobrem de barulhos curiosos a indumentária da Velha do Cerrado.

Maria de Lara, aqui também chamo de Velha do Cerrado, e chamo mesmo para que se dê a confusão entre uma e outra, porque foi exatamente o que ocorreu por lá, durante o dia em que passaram juntas, revisitando os lugares e tempos daquela comunidade.

Foi assim:

Uma velha cheia de outras velhas em volta esperava ao pé da árvore. Quem passou primeiro viu, mas estranhando, não quis olhar. Quem chegava e via uma velha procurando por outra senhora, tendo saído assim de onde saiu, do centro do cemitério, preferia não se arriscar, nem ia embora nem chegava perto, só olhava e encabulava de pensar no que haveria de ser essa velha perguntando por outra e andando de um lado para outro, balançando os chocalhos e rezando pra Ave Maria permitir que fosse verdade o encontro com a irmã.

Maria de Lara chegou na boléia de uma caminhonete. O carro estava apinhado de gente na rabeira, parou na estrada e deixou quem quisesse ver a velha que esperava a outra. Maria desceu da carroça. O homem da motocicleta disse ter visto a primeira velha sair do cemitério procurando essa segunda. E perguntou se Maria conhecia aquela que lhe procurava. Muitos olhos foram chegando e os ouvidos se concentrando, tudo pra ouvir Maria, que ninguém desconhecia, dizer quem era essa outra que tanto barulho fazia com as coisas de pendurar.

Maria olhou de longe e antes de ver quem era, fez a pergunta pra Deus.

Veio se aproximando, fazendo o sinal da cruz, em nome da Virgem Santíssima e do Divino Espírito Santo, em nome de Jesus e de todos os santos e suas correntes de luz e iniciou assim o diálogo, com a devida precaução. Do outro lado a Velha do Cerrado deu a passada com o pé direito em cruzada, transpassando o caminhar, o braço direito puxou o convite, mão de paz, e esse foi seu primeiro sinal, um sinal intuitivo ou talvez um sinal divino, que foi interpretado por Maria como sendo aquele que revelou de imediato quem era a velha da estrada, paninho sujo amarrado à cabeça com o sinal da encomendação.

Os passos seguiram em aproximação. A Velha e Maria, uma que esperava a outra, outra que esperava a uma, foram chegando, e seus olhares profundos, inundados de amor e força transpassaram o corpo. Se abraçaram na estrada.

Elas entraram no carro. O cajado da Velha, ela deu à Maria, que o tomou como sendo sua “Varinha de Condão, espada de Santa Bárbara e São Tiago, espada de São Jorge”, como dizia Maria de Lara.

A paciência e a fé uniam velhas irmãs de cura. E a Velha pôde ver, além da irmã, a atriz, além da atriz, seus olhos, e neles, tudo que ela esperava ver. Desse momento em diante, ninguém mais poderia afirmar o que era vida, o que era teatro. Tudo se encontrava e abria. O primeiro ponto que Maria ensinou para a Velha foi um ponto de cura.

*“Oê mãe d’ água oê,
o que é que eu vim fazer
Ir tirar o que é ruim
é com óleo de dendê.”*

E entre outros o do caboclo da mata:

“Estava na mata, estava trabalhano
Os caboclo dindino passô me chamano
Ebaluaê, Abalô, Ebaluaê, Abalô,
Quem estava doente sarô da dor.”

“A cura é trazida do ponto. O que ela veio entender
e eu vou mostrar, antes do sol entrar cê vai ver. Tá aqui em
cima, cê vai ver.”

Maria de Lara

Assim que chegaram à casa de Maria, muitos vieram receber. Toda sua família, crianças de todas as idades, mulheres e homens, todos filhos de Maria e filhos de Deus.

“Eu tenho muitos filho, mas nenhum deles são meu. Esses
filho de Deus que eu crio viero de pôco...(barulho de lata)
chêê... queta menina...

Então, é igual explicá que tem uns pé de planta que vai dano
rama, daí as rama tem que dá as fulô pra dá outra raminha
aqui assim... e de premêro vêm as raiz que se infinca no
chão, vai se infincano finim pra baixo igual nesse desenho e
vai dano os ramo pra cima que é o mesmo que ser os filho...
...(barulho de lata)... Catirina, eu sei que ocê tá aí de trás
ovino eu fala com os moço. Vêm, senta aqui e escuita as
músca. (silêncio) Tsc...dêxa esses menino pra lá”.

Maria de Lara.

Em frente da casa, antes de qualquer coisa, as velhas rezaram. De frente pro sol, as duas, de joelhos, entoaram pontos que não puderam ser registrados em fita k-7, ou vídeo, mas quem estava lá disse terem ficado assim por alguns minutos. O cajado na mão subia e descia do céu à terra. “Rogai por nós, Nossa Senhora, Virgem Santíssima, mãe de todas as mães, por iluminação nos atos de família.” Uma e outra dizia. Os sinais estavam sendo trocados: em como se ajoelhar, em como se levantar, em como chamar as correntes com o barulho do chocalho, em quais santos convidaram a presença, no olhar entre nuvens. Em tudo parecia haver um significado. Este momento sagrado apenas ficará guardado na parte de dentro. Não há voz nem letras que os revele. Mas é sempre bom lembrar que o apoio do momento na levantada é feito com o pé direito. E ainda, que a fé abre a visão para o coração, o centro da cura.

Dentro da casa, o ponto de abertura dos trabalhos abriu caminho para a Velha estar na casa de Maria. Maria de Lara cantou.

“Jesus mandou passar
De longe eu vim e vou andar
Eu quero ocê no meu terreiro
Eu quero ocê na minha casa
Vamo irmã, vamo trabalhá
Jesus Cristo aqui está
Com Deus na frente
Ele aqui está”
Maria de Lara

Nas paredes da casa, três pinturas simbolizavam as plantas. Plantas que nascem e crescem, plantas que nascem e morrem antes de crescer e plantas que reproduzem. O último, em vermelho, ela mostrou lembrando de sua filha roubada. Enquanto falava, puxou o ponto recebido.

“ Eu quero pedi minha filha de Volta, prá não haver traição.
E o que roubou que fique como cachorro na rua:
Maria Ingrata
Anda logo pra casa aô
Sozinha aô meu Deus.

Se eu tivesse minha saúde
Cuma (como) os outro tem a sua
Não andava em porta em porta
Cuma cachorro na rua”

Do lado de fora, uma árvore fazia sombra nos bancos onde elas foram sentar, todos rodearam o encontro.

Maria: A senhora quereno dar um passe nos menino, eu aceito.

Velha do Cerrado: Pois eu vou dar um passe nos menino, seja os grande, seja os pequeno, que é prá mãe de vocês nunca trair, prá respeitá.

Todos receberam o passe em silêncio. A curiosidade, o respeito e a humildade eram revelados em olhares simples, as vezes pra mãe, as vezes pra Velha desconhecida.

Maria: O primeiro sinal veio junto com o homem da cruz, o segundo veio da mulher do pano azul, o derradeiro eu acho que é essa mulher aí, eu tenho que vê pra ter certeza se ela tá firme. Tá começando a passar, só falta a luz de clarear pra eu ver direito se tá firme. Hora que eu vê eu dou o resultado. Não é tudo na hora, a gente tem que passar atrás de um dia e outro pra saber o que que veio marcando pro anjo da guarda, o que que o Espírito Santo ascendeu, o que que Ele marcou pra nós.”

Depois foi feito um chá das duas folhas, uma folha trazida pela Velha e a outra Maria catou. A Velha tem assim um monte de canecas penduradas na roupa como um colar. O chá foi servido aí.

Velha: Eu trouxe umas erva aqui pra mode faze um chá pros menino. Principalmente pra aquela que tá com barriga e pros outro tamém. É um chá com duas foia. Uma que tá aqui e outra foia sua. Levanta o copo pra benzer, faz o sinal prá plantas de curar e pede pro seu nome a cura. Quem quiser, vai beber.

Beberam o chá e o silêncio.

Foi a hora de descer pra beira do rio. Umam cem pessoas foram se juntando e teve gente que pegou as velas e houve canto e procissão. Uma linha comprida de gente andando até a beira da água. Lá na beira é que as velas foram queimadas. Em cima de uma pedra grande, as duas velhas falaram em nome dos avós que vieram pra lá. Um avô índio, um outro que trouxe a imagem folheada a ouro do Divino Espírito Santo, da avó pega no laço e uma mistura de crenças e a vida naquele lugar.

Maria pegou uma vela e ateou fogo no mato da beirada do rio. Esse foi um dos momentos mais bonitos de se ver, ela pediu e todo mundo entrou dentro do rio pra jogar água pra cima do fogo. “O fogo queima e limpa, e esse ensinamento é pra todo mundo se lembrar.” Disse Maria pro povo.

Dentro do rio, debaixo das pedras onde os musgos se seguram, tem uma laminha fina que também é lama de cura, que serve pra tirar uns males do corpo, principalmente de dor nas costas. “Os menino que mergulha é que sabe apanhar pra mim, eu falo onde que é e eles mergulha e busca” disse Maria pra Velha.

Depois disso subiram pela picada, e todos subiram atrás, tanta gente veio chegando e a fila crescia de gente a pé e a cavalo até voltar pro terreiro da casa.

No fim do dia o sinal foi trocado.

Velha: Agora eu tenho que ir que o sinal já foi trocado.

Maria: Foi. Foi sim.

Velha: E eu preciso andar pra ir andano e pensano, pra ir tomano os ensinamento, as coisa, até podê abri os óio de novo, abri os trabalho. Agora é só fechano com a noite e o tempo. O tempo cura queijo.

Maria: E eu também preciso fica entendida e receber as suas voz. Se nós usa a dor do coração, poderá não dá pra ler o coração do outro como é que é, e fecha o coração de ser lido pelo outro, mas na hora que nós tamo conversando com Cristo, nós tamo livre de pecado, tamo caminhano nos campo, nas árvore, nas casa, no gerais, tamo veno os pássaro que canta: Nessa hora aí nós poderemo dar a resposta. Nós saberá.

Maria levantou pra ver o sinal revelado na nuca da Velha.

Maria: O sinal que deu a resposta do pano é o sinal da vertigação. Eu já tinha visto o sinal na derradeira, se tiver conferindo... eu sei que veio a mim, e, se não for, amanhã eu sei o que vou dizer.

18. A CRIAÇÃO COLETIVA DE UM MITO

Muitas velhas num espelho constroem-se mutuamente, um personagem comum acontece. A partir daí são desenvolvidos conhecimentos inerentes à cada comunidade ou ainda, comum a muitas delas.

Uma imagem universal se forma em decorrência da necessidade comum de se ver o que se quer ver. Muitos olhares inspirados criam uma imagem arquetípica. Na imagem estão presentes os sonhos e anseios comuns àqueles que a constroem.

Uma imagem arquetípica é psicologicamente “universal” porque seu efeito amplia e despersonaliza. Mesmo se a noção de imagem considera cada imagem como um evento único e individualizado, como “aquela imagem e não outra”, esta imagem será universal porque ecoa uma importância transempírica e coletiva.

Ira Progoff, *Sonho Desperto e Mito Vivo*, 181 (2001) – do livro: *Mitos, Sonhos e Religião* – Campbell, Joseph

Mulheres novas ouvem que podem tratar seus filhos como se fossem de Deus ou do mundo. Homens curiosos escutam das velhas um discurso contra a violência. Todo o diálogo é construído a partir do grupo, de suas necessidades e anseios. Nas velhas cada um vê o que quer e todos cultivam esperança. A família estabelece-se como ponto de equilíbrio emocional.

Redes invisíveis de solidariedade existiam ali. A comunidade se uniu diante do arquétipo construído por todos. O rio trouxe e levou histórias contadas por moradores, sua água tornou-se benta e muitos beberam dela. Poluir um Deus assim seria inconcebível, poderia trazer má sorte. As árvores em volta, a terra, os caminhos de chão e as direções do céu, tudo unifica-se. Rituais foram inventados ou revividos.

No povoado, quando as velhas subiram na grande pedra da margem do rio, e colocaram fogo no mato que beirava a água, convidando os que queiram apaga-lo, incentivaram o exercício da solidariedade.

O fogo, um elemento natural que tem seu tempo de ação próprio, poderia tornar-se incontrolável. Aqueles que entraram na água o fizeram por impulso. A força coletiva os uniu. Nesse momento a coletividade comunicou-se com a natureza, estabelecendo os limites necessários à ordem comum.

E depois dançaram as velhas, rezaram as velhas e benzeram as crianças com saliva. Subiram do rio às casas numa longa procissão pautada por cantos e momentos de inspiração onde as palavras vinham à boca de acordo com o que os ouvidos podiam ouvir. Alguns instrumentos de música se sacralizaram e nunca mais puderam passar sob arames ou cercas. Foi assim como as canecas de alumínio que, penduradas no pescoço, formam o colar de barulhos da *Velha do Cerrado*. O sol avermelhou o céu e as velhas se despediram. Indo embora pela estrada a personagem foi ainda acompanhada por muitos moradores, em especial pelas crianças. Depois, como quem pega uma carona, entrou no carro da equipe que a acompanhava e foi embora em silêncio. Muitas crianças ainda correram atrás do carro. Foram os pesquisadores, ficou a imagem criada. E depois de uma semana, diversos depoimentos puderam testemunhar o acontecido. Uma mulher muito velha, coberta de panos sujos, canecas de lata e chocalhos nos pés veio visitar a comunidade.

“Ela tinha os pés sempre limpos, mesmo pisando em toda a sujeira do chão.”

“Seus pés cobriam o chão de sangue quando o tocava, depois o sangue sumia e nem a pegada ficava no chão.”

“Ela andava flutuando, e tinha água nos olhos.”

Depoimentos da comunidade , Correntina – BA.

E a cidade esperou seu retorno, abrindo espaços para milagres.

19. A CONSERVAÇÃO DO CERRADO PELA COMPREENSÃO DE SUA PRODUÇÃO CULTURAL

Sabe-se que desde meados dos anos 80, surge no Brasil um ambientalismo mais intrinsecamente ligado às questões sociais e, a partir daí, o reencontro entre o culturalismo e o naturalismo, separados teoricamente pela idéia de que o culturalismo teria por princípio a ruptura entre sociedade e natureza, na qual a sociedade concentra as qualidades e a natureza, as falhas.

Entretanto, uma das hipóteses que se pretendeu reafirmar com esse trabalho, conforme outros pesquisadores o comprovam, é a da conservação ambiental originária da participação das comunidades tradicionais em seu planejamento e gestão. Assim, a oposição entre cultura e natureza invalida-se. A cultura popular relaciona-se com o meio em que se faz, revelando-o e sendo, ao mesmo tempo, seu produto. O ser humano relaciona-se com a natureza a partir da coletividade e não do indivíduo, traduzindo-se por meio de seu universo mítico.

O conceito de paisagem cultural como sendo “um mosaico complexo e uma mistura integrada de diferentes *habitats*, que correspondem a diferentes necessidades, prioridades e habilidades das comunidades, que pode ser um mecanismo adequado para conservar a biodiversidade em áreas onde o modo de vida das comunidades é diretamente dependente do acesso aos recursos naturais” (Baker, 1992, apud Larrère, 1997:36), explicita essa relação entre a história do homem e a natureza que o cerca e o acompanha.

O estudo de seus símbolos e mitos e sua transformação através dos tempos podem ser o princípio da compreensão da real relação entre o homem e seu meio.

A proposta desse trabalho norteou-se na identificação do arquétipo encontrado no centro de ligação entre o homem e a natureza, o arquétipo da *Grande Mãe*, portadora do conhecimento ancestral de diálogo entre a comunidade na qual está

inserida e os elementos naturais. Este foi o recurso que a arte pode apontar na integração dos saberes para o desenvolvimento sustentável.

Observar a expressão artística de um povo colabora para a compreensão da relação existente entre os aspectos culturais e naturais a ele inerentes.

A chuva é o vento condensado.

Eu sou o Deus condensado

A árvore tudo vê condensado

Se a chuva diluir, vira vento e segue...

Se eu diluir, viro Deus e sigo...

Se a árvore diluir, vira semente e segue...

Segue vento...

Segue semente...

Segue...

Segue chuva...

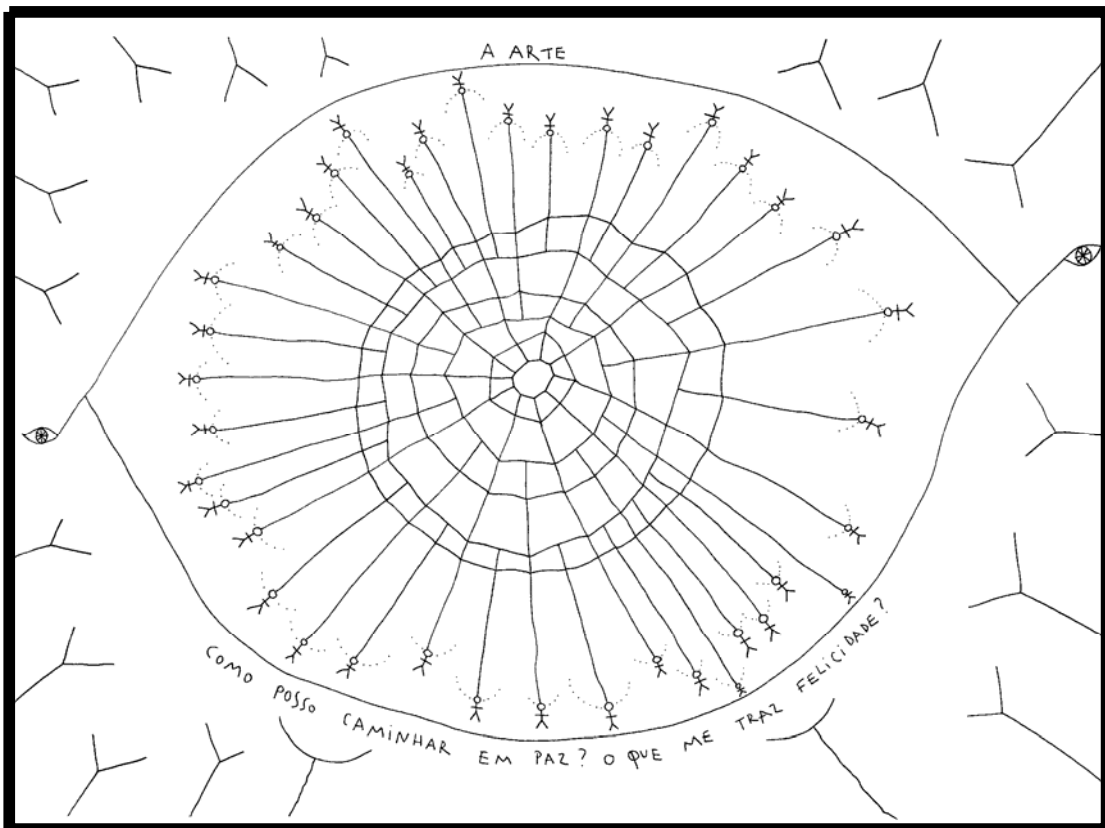
Segue tempo...

Segue...

Velha do Cerrado, Brasília, 28 abril de 2005.

20. CONCLUSÕES

- Tudo existe, tudo se sabe e interliga-se, é preciso conectar-se para relembrar o caminho, partindo de onde quer que seja. A teia.
- O ser humano contém o universo. Observando o ambiente, compreende-se o ser humano. Pesquisando os processos de gestão da vida íntima humana, intui-se a gestão ambiental.
- A arte popular revela símbolos e desperta emoções que podem auxiliar na compreensão da relação do ser humano com seus semelhantes e dele com seu habitat.
- A arte proporciona o desenvolvimento dos sentidos humanos, despertando a intuição.
- A fé e o mistério ampliam a consciência humana em relação ao seu ambiente. Respeito: princípio da precaução.
- A educação ambiental é individual, tudo em volta pode ser pretexto para o auto conhecimento. Curiosidade: princípio da pesquisa e do conhecimento.
- É preciso estimular o desenvolvimento individual e ampliar o ser humano ao coletivo, a comunidade ao seu habitat.
- O que liga o individual ao coletivo são os arquétipos.



21. ANEXOS

CD DE MÚSICA E HISTÓRIAS

MÚSICA 01

Tem um homem que aparece aqui que tem os pés virado pra trás, diz que ele olha prum rumo e os pés dele olha em outro...ele anda muntado num catitu... é igual quando entra no rio que ocê vê pra onde o rio ta ino embora escorreño igual a vida escorre e ce fica oiano as coisa que já passô que num volta mais e ce fica oiano, oiano...daí os pé dele tão voltado pra traz...daí ocê vira dentro do rio e vê pra onde que tudo começa, que tudo ta vindo e as águas e as foia, e as gaia boiano e os bichimzim, as coisa que ta vino e que vai chegar ainda, mais ainda num chegô, e ocê fica oiano aquilo... e os pé dele oiano as coisa pra trás que já passô...Os olho prum lado, os pé pro outro...Acredito nada. Onde é que se viu os olho prum lado e os pé pro outro...Hum...sei não...Mas que é cheio de gente assim, é.

MÚSICA 02

Os olho da gente é pequeno e cumprido. Dentro dele cabe tudo que ta fora dele. Tudo vai entrano por esse buraquim finim e chega lá dentro e descobre que dentro é maior que fora e daí pensa que o fora é o dentro e quer passar de novo pelo buraquim de volta, e num sabe depois o que que é dentro e o que que é fora e fica de fora olhando pra dentro e puxando tudo de novo pra fora e tudo vai passando por esses oio finim e cumprido...o passarim que tá dentro é o passarim que tá fora...a onça de dentro é a onça de fora, as gaia de dentro é as gaia de fora, os vento que ta fora ta dentro as noite que ta fora, as noite que ta dentro, os macaco de fora, os macaco de dentro...E é meio escuro quando passa.

TEXTO COM MÚSICA DE FUNDO

Virgem Santíssima proteja, em nome do Espírito Santo, em nome de Jesus e de todos os santos e sua corrente de luz, proteja meu corpo, fecha meu corpo pro que há de ruim, abre minhas vista pra poder olhar os sinal. São três sinal de confirmação se abrino pra irmandade.

MÚSICA 03

Deixa o Rio Santo

Deixa o rio correr / Deixa o rio ficar / Que eu não rio mais / Se esse rio parar
Onde é que se viu, / Entortar um rio? / Eu não rio mais / Que não faz sentido /
Revirar um rio / Sentido contrário/ prá chover na horta, latifundiário.
Deixa o rio correr / Deixa o rio ficar / Que eu não rio mais / Se esse rio parar
Capaz que ele morre. / O Rio São Francisco / Quem não morreria? /Da noite pro dia/
Ser contrariado / Eu que num me arrisco/Da noite pro dia / Quem é que riria?

Olha a onça/por que bole queela /é a onça pintada/da maia amalera.

21. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANTOS, Boaventura de Sousa, Pela Mão de Alice – O social e o político na pós-modernidade – 9. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa, O Diálogo dos 500 anos Brasil Portugal - Entre o passado e o futuro. Rio de Janeiro: EMC, 2000.

FOUCHEUX, Sylvie e Jean François Noel, Economia dos Recursos Naturais e do Meio Ambiente, Lisboa: Instituto Piafget, 1995.

GEVA-MAY, Iris, Revista do Serviço Público, Ano 54, no. 03, São Paulo, 2003.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

ASSUNÇÃO, Luís Carvalho de. O Reino dos Encantados, Caminhos. Tradição e religiosidade no sertão nordestino. Doutorado em Ciências Sociais (Antropologia). São Paulo, PUC/PPGCS, 1999 (Orientadora Dra. Josildeth Gomes Consorte.)

BACHELARD Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo. Martins Fontes, 1993.

BARROS, Marcelo. A Noite do Maracá. Goiânia. Ed. UCG, 1998.

BARBA, Eugenio e SAVARESE, Nicola. A Arte Secreta do Ator – Dicionário de Antropologia Teatral. São Paulo. Ed. Hucitec, 1995.

BERTRAN, Paulo. História da Terra e do Homem no Planalto Central. Economia do Distrito Federal: Do indígena ao Colonizador. Brasília. Ed. Solo, 1994.

BOSI, E. Memória e Sociedade: lembrança de velhos. 2ª Edição. São Paulo. EdUSP, 1987.

BRITO, Maria Inês M. S. Das Lendas a História: A busca da Identidade de um Povo. Dissertação de Mestrado, CDS, UnB, 2002.

CAMPBELL, Joseph. Mitos, Sonhos e Religião. Tradução de Angela Lobo e Bali Lobo. Rio de Janeiro. Ediouro, 2001.

CAMPBELL, Joseph. As Transformações do Mito Através dos Tempos. 10ª Edição. São Paulo. Ed. Cultrix, 1997.

CASCUDO, L. da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 6ª Edição. Belo Horizonte. Itatiaia/EdUSP, 1988.

DIEGUES, Carlos Antônio. Etnoconervação – Novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. 2ª. edição. Ed. Nupaub – USP, São Paulo, 2000.

DUARTE, L. M. G. et al (org) Tristes Cerrados: Sociedade e Biodiversidade. Brasília. Ed. Paralelo 15, 1998.

ELIANE, M. Imagens e Símbolos. Ensaios sobre o Simbolismo Mágico-Religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FEINSTEIN, David e KRIPPNER, Stanley. Mitologia Pessoal. 10ª Edição. São Paulo. Ed. Cultrix, 1997.

FERRETTI, Sérgio. Querebentã de Zomadonu. Etnografia da Casa das Minas. São Luís: EDUFMA, 1996 (2ª Ed. Revista e Atualizada, Original, 1985).

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande e Senzala, Rio de Janeiro/Brasília. Livraria José Olympio. Editora, 1981.

GARDNER, Gerald T. e STERN, Paul C. Environmental Problems and Human Behavior, Ed. 1997.

HILLMAN, Jammes. Psicologia Arquetípica. 9ª Edição. São Paulo. Ed. Cultrix, 1995.

HOWARD, David e MABLEY Edward. Teoria e Prática do Roteiro. Tradução de Beth Vieira. São Paulo. Ed. Globo, 1999.

LESSA, Carlos. Auto-Estima e Desenvolvimento Social. Rio de Janeiro. Ed. Garamond, 2000.

MORIN, Edgar. Saberes Globais e Saberes Locais. Rio de Janeiro. Ed. Garamond, 2000.

RODRIGUES, Graziela. Bailarino, Pensador, Intérprete. Rio de Janeiro. Ed. Funarte, 1997.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, Rômulo Andrade. Efeitos da Barragem Luís Vieira sobre as comunidades de Barra, Bananal e Riacho das Pedras, no Município de Rio de Contas, Dissertação de Mestrado, CDS, UnB, 2002.

SASCH, Ignacy. Caminhos para o desenvolvimento Sustentável. Rio de Janeiro. Ed. Garamond, 2000.

SILVA, Tomaz T. da (org) O que é, afinal, Estudos Culturais? Ed. Autêntica. Belo Horizonte. 1999.

SOUZA SANTOS, Boaventura. Um Discurso Sobre as Ciências. 8ª Edição. Porto. Portugal. Ed. Afrontamentos, 1996.

SOUZA SANTOS, Boaventura. A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência. Volume 1 – Para um novo senso comum. São Paulo – SP, Ed. Cortez, 2000.

UDRY, Maria C. F. Villafane. Saúde e Uso da Biodiversidade – Caminhos para a incorporação do Conhecimento Tradicional na Política de Saúde Pública. Tese de Doutorado, CDS, UnB, 2001.

WILHELM, Richard. I Ching – O livro das mutações. Ed. Pensamentos, 1956.

MOUSTAKAS, Clark. Heuristic Research. Ed. Sage Publications, 1990.